



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA FORMAÇÃO DE LEITORES E
ESCRITORES PLENOS**

SHIRLEY ALINE DA COSTA ARTEAGA DA SILVA

BRASÍLIA

2013

SHIRLEY ALINE DA COSTA ARTEAGA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA FORMAÇÃO DE LEITORES E
ESCRITORES PLENOS**

Trabalho Final de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Dra. Stella Maris Bortoni Ricardo.

Orientadora: Professora Dr.^a Stella Maris Bortoni Ricardo

BRASÍLIA

2013

Monografia de autoria de Shirley Aline da Costa Arteaga da Silva, intitulada “A importância da leitura na formação de leitores e escritores plenos”, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia pela Universidade de Brasília, em 23/7/2013, defendida e aprovada pela seguinte banca examinadora:

Professora Dr^a. Stella Maris Bortoni Ricardo – Orientadora

Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Professora Vera Aparecida de Lucas Freitas – Examinadora

Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Professor Dr. Erlando Reses – Examinador

Faculdade de Educação, Universidade de Brasília

Brasília

2013

Dedico este trabalho primeiramente ao meu Deus todo poderoso, o dono da minha vida e quem eu mais amo e venero. Ao meu Senhor e salvador Jesus Cristo, que deu a vida por mim para que hoje eu pudesse estar aqui. Ao meu grande e verdadeiro amor, meu presente divino, minha mãe Sionete. Ao meu grande herói, meu amado pai Wilson Arteaga. Ao meu segundo pai João, sempre disposto a me ajudar e me aconselhando e orientando para a vida. Aos meus queridos irmãos, Sheilla Luiza e Filipe e à minha adorável sobrinha Nathália.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao meu Deus todo poderoso, dono da minha vida e quem eu mais amo e venero.

Ao meu Senhor e Salvador Jesus Cristo, que deu a vida por mim para que hoje eu pudesse estar aqui.

Ao meu grande e verdadeiro amor, que me abrigou por nove meses em seu ventre, teve dores para que eu pudesse nascer, ficou várias noites sem dormir direito preocupada comigo e muitas vezes, tirou de onde não tinha para que eu pudesse estudar, minha mãe Sionete.

Ao meu grande herói, que mesmo estando longe por um determinado tempo, hoje está aqui ao meu lado, me apoiando e aconselhando, meu amado pai Wilson.

Ao meu segundo pai João, que está sempre disposto a me ajudar e me aconselha para a vida.

Aos meus amados e adoráveis irmãos, meus presentes divinos, que compartilharam do mesmo útero que eu, que sempre me fazem rir e que apesar das raras briguinhas de irmãos, não sei viver sem eles, Sheilla e Filipe.

À minha princesinha, meu pontinho de luz e o melhor presente que minha irmã Sheilla já me deu, minha amada sobrinha Nathália.

À minha querida avó, Maria Aparecida da Costa, a quem a vida infelizmente não me permitiu conhecer, mas que significa muito para mim e que deu à luz o maior motivo da minha felicidade nessa Terra, minha mãe. Obrigada vovó querida! (in memorian).

Ao meu eterno, amado e favorito tio, que sempre priorizou e se dedicou aos estudos e foi uma grandiosa pessoa nessa Terra e para sempre será um exemplo para mim, Saturno Wagner (in memorian).

Ao meu amado avô, um grande guerreiro, trabalhador e homem, que lutou até o último instante pela vida, Severino Balbino (in memorian).

Às minhas amadas e adoráveis amigas, Camila Rocha Viana e Stephanie Rocha, companheiras dos bons e maus momentos acadêmicos. Incialmente nossa amizade

revelou-se tímida e parecia não passar de um simples coleguismo, mas que só comprova que a amizade é, de fato, um amor que nunca morre.

Aos meus queridos colegas Aline Alves e Lucas Fernando, pelas dicas, pela amizade e pelos maravilhosos momentos de diversão.

À minha amiga guerreira, que se tornou um verdadeiro exemplo de vida para mim, Bruna Monteiro.

À professora Dr^a Stella Maris Bortoni Ricardo, por ter me aceitado como orientanda e pela vasta experiência e conhecimentos que pode me transmitir no decorrer dos projetos 3, 4 e 5.

Ao professor Dr. Erlando Rêses, com o qual me identifiquei desde o momento em que cursei Sociologia da Educação e posteriormente, Educação e Trabalho.

À minha querida prima Evarista, excelente pessoa e pedagoga, sempre disposta a contribuir para o sucesso da educação deste país e me ajudar, mesmo estando longe.

E a todos aqueles que, indireta ou diretamente me ajudaram para que eu pudesse chegar até aqui. Muito obrigada!

“A estrada para o conhecimento é longa, mas a leitura é a maneira mais fácil e prazerosa de percorrê-la.” (autor desconhecido)

RESUMO

Muitos livros que tratam sobre leitura (no aspecto conceitual e técnico da palavra) possuem muito mais uma função instrucional do que reflexiva e ler vai muito além disso, exigindo uma investigação cuidadosa, dotada de reflexões de caráter interdisciplinar e multidimensional. O conhecimento é, sem dúvida, uma ferramenta importantíssima quando se trata da circulação de dados culturais e sociais e é importante o papel da televisão, do rádio e de outros veículos de informação, mas a leitura continua sendo o instrumento mais eficaz para adquirir conhecimento, permitindo a inserção consciente do ser humano no mundo da cultura e na sociedade em que vive. Por isso, faz-se necessário ter uma visão consciente do que é ler, investindo na formação de leitores que saibam interpretar criticamente o que estão lendo. Infelizmente, no Brasil ainda são poucos aqueles que se interessam pela leitura como sendo um hábito saudável que deve ser adotado desde cedo e em muitas situações, o ensino da leitura vem sendo tratado com descaso, tornando-se um hábito puramente mecânico, o que contribui para que muitos encarem a leitura como uma tarefa obrigatória e não um hábito prazeroso. Não está havendo espaço para a criação de novos modelos de orientação ou ensino da leitura, o que demonstra que os modelos já existentes estão sendo apenas reproduzidos, fragilizando ainda mais o incentivo e a aprendizagem da leitura. É preciso ainda, mobilizar todos os que estão envolvidos tanto no ambiente escolar, como nas famílias, a fim de que todos possam interagir e servir de exemplo a seus filhos, alunos e a todos aqueles interessados pela leitura. As escolas devem, portanto, trabalhar para edificar um aluno leitor e escritor pleno e não um mero decodificador de palavras, enquanto a família é uma peça integrante e imprescindível neste processo, dando continuidade ao trabalho do professor. É importante que todos entendam que a tarefa de ensinar a ler e escrever não é ofício apenas do professor, mas da família também, configurando a arte de educar como um notável trabalho em equipe.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	20
ESCOLA, FAMÍLIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO: UM TRABALHO EM EQUIPE.....	20
1.1 Aspectos legais sobre o direito à educação (LDB/96, CF/1988 e ECA).....	21
1.2 A formação acadêmica do professor leitor	22
1.3 O papel do professor e do bibliotecário	25
CAPÍTULO 2	26
LEITURA: FALANDO E ESCRREVENDO MELHOR.....	26
2.1 Quem muito lê, fala e escreve melhor?	26
2.2 Formando leitores e escritores plenos	28
2.3 Compreensão.....	30
2.4 Interpretação	33
CAPÍTULO 3	36
METODOLOGIA DE PESQUISA.....	36
3.1 Contexto da pesquisa	37
3.2 Procedimentos de abordagem e aplicação do questionário	38
3.3 Pesquisa qualitativa x pesquisa quantitativa.....	39
3.4 Objetivos da pesquisa	41
3.5 Objetivos gerais	42
3.6 Objetivos específicos	42
CAPÍTULO 4	43
RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS	43
4.1 O questionário	44
4.2 Comparação das respostas dos alunos de graduação.....	44
4.3 Comparação das respostas dos professores da Faculdade de Educação	45
4.4 Resultado das comparações e definição do nível de leitura dos alunos de graduação.	46
4.5 Resultado das comparações e definição do nível de leitura dos professores da Faculdade de Educação.....	48
APÊNDICE.....	54

MEMORIAL

Minha trajetória antes, durante e no final da graduação.

Quando eu decidi entrar para a Universidade eu tinha 21 anos de idade, um pouco tarde em relação aos alunos que terminam o ensino médio e imediatamente prestam vestibular. Eu terminei o segundo grau no ano de 2005 e, como uma adolescente fascinada pela liberdade e independência, eu não quis prestar vestibular de imediato e como eu queria ter o meu próprio dinheiro, optei por trabalhar. Minha mãe, que apesar de ter sido contra a minha decisão, me apoiou (como a maioria das mães fazem) e conseguiu um emprego para mim na mesma empresa na qual ela trabalhava como cabeleireira há muitos anos. Antes, se não me falha a memória, também no ano de 2005 e ainda no ensino médio, estagiei por alguns meses em um determinado shopping center de Brasília, mas logo depois eu quis sair. Foi então que, no ano de 2006, eu comecei a trabalhar nessa empresa como operadora de caixa. No início foi um pouco frustrante e difícil e por várias vezes eu pensei em desistir, pois o treinamento era cheio de detalhes e o período de teste foi uma verdadeira provação. A empresa fornecia apenas o dinheiro da passagem e só depois de um mês eu comecei a receber meu salário. Minha carteira de trabalho ficou retida durante os 3 meses considerados como fase de teste e período de adaptação e passado esse tempo, quando recebi de volta minha carteira, fiquei muito feliz, pois finalmente eu havia sido aceita, de fato, na empresa que havia me contratado. Como todo início de trabalho, eu ainda tinha muitas dúvidas nos primeiros meses e quando ocorria algum erro na contagem do fundo de caixa (quantidade necessária que deve ficar na loja para ser usada como troco), eu ficava nervosa, pois eu tinha que pagar do meu bolso caso o erro não fosse reparado. Era complicado trabalhar como operadora de caixa, pois às vezes o sistema informático da loja ou vivia dando problema ou era lento demais e muitos clientes além de não terem paciência para esperar, achavam que a culpa era nossa. Mas, como tudo tem seu lado bom e ruim, às vezes também era legal, alguns clientes eram engraçados e isso tornava o trabalho um pouco mais descontraído. Nos períodos de datas comemorativas, como o dia das mães, dia dos namorados, dia dos pais e natal, as lojas eram enfeitadas de acordo com as datas e os funcionários vestiam camisas personalizadas e isso tornava o clima mais divertido entre as pessoas. No final do ano sempre havia uma festa para os donos e funcionários, além de amigo oculto

realizado em cada loja. Essa empresa era e continua sendo muito grande e conhecida em Brasília, com pelo menos uma loja em cada shopping center da cidade. Com o intuito de criar vínculos e amizades entre todos, era comum que tanto os gerentes como os funcionários trocassem de lojas, assim, todos se conheciam. É claro que, como quase sempre acontece, era impossível não criar afeto mais por determinadas pessoas do que por outras, o que tornava a troca dos funcionários um pouco dolorosa emocionalmente falando.

Com o tempo, fui adquirindo experiência e me tornando rápida no que eu fazia, mas era extremamente ruim quando eu já estava me preparando para finalizar o caixa e sempre entrava alguém na loja faltando quinze ou dez minutos para o shopping center fechar. Consequentemente, eu chegava muito mais tarde em casa quando isso acontecia. Na época, eu tinha uma vaga ideia de estudar para concurso e cheguei a fazer cursinho preparatório umas três vezes. Para ser bem sincera, apesar de ser uma pessoa que sempre gostou de estudar, eu não me dedicava como alguém que realmente quer ser aprovado em um concurso, pois eu sentia falta de ter um nível superior e ao mesmo tempo eu me sentia como se eu estivesse fazendo algo que eu não queria.

As coisas começaram a mudar no ano de 2008, um ano que marcou para sempre a minha vida. O tio que eu mais amava desde pequena e sempre foi o meu favorito e de toda a família, o mais brincalhão e querido por todos, de repente foi internado, acho que foi em uma segunda feira. Eu estava em casa quando soube da notícia, mas horas depois eu fui ao hospital para visita-lo. Ele respirava com a ajuda de aparelhos e eu mal sabia que era a última vez que eu estava vendo meu tio vivo. Foi muito triste vê-lo daquele jeito, respirando com dificuldade e lutando pela vida. Nos dois dias que se passaram com ele internado, eu não o vi mais, não pude mais entrar para visita-lo, mas todos os dias eu ia ao hospital, pois eu não aguentava esperar pelas notícias em casa. Foi a primeira vez que, depois de tanto tempo, eu vi minha família inteira reunida, na porta do hospital, uns já sabiam que meu tio não sairia dali vivo, outros nutriam alguma esperança e eu era uma dessas pessoas. Conversando com uma das minhas primas, eu disse a ela como eu desejava que ele saísse vivo dali e ela também desejava o mesmo e disse que quando ele saísse, nós faríamos uma grande festa. Mas nem sempre as coisas acontecem como esperamos e infelizmente, meu tio faleceu no Hospital de Base dois dias depois de ter sido

internado. Eu entrei em desespero, eu não sabia o que fazer, eu nem sequer já tinha perdido um ente querido na minha vida e essa foi a primeira vez. Vinte dias depois do meu aniversário, meu tio nos deixou. Os primeiros dias após a sua morte foram horríveis, eu não conseguia trabalhar, estudar ou fazer qualquer outra coisa, eu simplesmente não tinha forças e chorava a todo instante. Me lembro como se fosse hoje do primeiro dia que retornei ao trabalho após meu tio ter falecido, foi horrível, eu sentei no sofá e comecei a chorar. Eu não sabia de onde eu tiraria forças para retomar a rotina, até porque a outra loja da empresa na qual minha mãe trabalhava ficava no mesmo shopping center, no lado oposto. Eu passava lá para visita-la e eu tentava demonstrar forças, pois meu tio era o irmão que ela mais amava. Foi difícil, pois tanto eu como ela não aguentávamos lembrar dele sem chorar.

Mas, como nós temos que encarar a vida de qualquer forma, tivemos que superar essa dor, ou pelo menos tentar. O tempo foi passando, fui retomando minha vida até que, em meados do mesmo ano de 2008, meses depois desse período turbulento, a minha vontade de entrar para a Universidade foi ficando cada vez mais forte, porém eu ainda estava um pouco confusa entre ser aprovada em um concurso público e cursar um nível superior. Comecei a cogitar a possibilidade de sair do emprego, pagar um cursinho e estudar. Essa ideia permaneceu “morna” durante algum tempo, até que finalmente, depois de pedir conselho para muitas pessoas, eu decidi pedir demissão e estudar para entrar na UnB. Fui atrás de um preparatório e me matriculei, mas como eu não fui demitida e sim pedi demissão, tive que cumprir aviso prévio e por um tempo conciliei os últimos dias de trabalho com os primeiros dias no cursinho. Por um tempo eu sentia falta do meu dinheiro, mas eu via algumas pessoas que tinham entrado naquela empresa com a minha idade e já estavam lá há mais de 20 anos e eu, com toda certeza, não queria essa vida para mim. Havia muito tempo que eu não estudava esses conteúdos que caem no vestibular e no início eu senti um pouco de dificuldade, chegando até a pensar que eu não conseguiria. Até então, eu nunca tinha prestado vestibular e nem sequer tinha me interessado pelo PAS na época do colégio. Comecei a estudar muito, às vezes em casa, às vezes na biblioteca e sempre praticava muita redação. O dia do meu vestibular chegou e não havia ansiedade maior, mas fui fazer minha prova. Foram dois dias de prova muito cansativos, sendo que no primeiro foi língua estrangeira, ciências humanas e redação e no segundo dia, ciências exatas. Infelizmente eu não

passei no meu primeiro vestibular, portanto, fiz novamente o mesmo cursinho. Dessa vez eu me dediquei ainda mais e praticava muito mais redação do que no primeiro cursinho. Eu adorava quando recebia as redações corrigidas com as devidas críticas, pois assim eu já ia tendo uma noção do que escrever na prova. Eu estudava todos os tipos de redação, mas dei maior ênfase à dissertação, pois era a que mais caía nas provas. Novamente chegou o dia do vestibular e eu mais uma vez passei por esse momento de ansiedade, porém, com um pouco mais de experiência. Fiquei com um pouco de medo na hora da prova, pois apesar de me sentir mais preparada, quando olhei o caderno de redação, o pedido era que narrássemos a história de um filme. A minha sorte foi que, apesar de ter treinado muita dissertação e na prova ter caído narração, eu sempre li muito e adoro ver filmes. Então, mentalizei Deus, pedi orientação e narrei a história. O resultado não podia ser melhor. Eu tinha uma leve suspeita de que eu tinha passado depois que corrigi a prova de acordo com o gabarito do CESPE, mas não garanti vitória antes da hora. Um mês inteiro cheio de expectativas e tentativas de descontração, pois dessa vez eu me sentia na obrigação de ser aprovada. Quando finalmente chegou o dia, eu não sabia o que fazer, andava de um lado para outro, minha barriga gelava, minha pressão baixou e mesmo eu não sendo uma pessoa fissurada por doces, fui capaz de devorar uma lata de leite condensado por dia na semana que antecedeu o resultado. Primeiro eu olhei se a minha redação havia sido corrigida e realmente havia sido, tirei 8.5, valendo de 0 a 10. Depois olhei se meu nome aparecia. Quando eu vi que tinha sido aprovada, gritei, dei pulos e mais pulos e me senti a pessoa mais feliz do mundo.

Quanto à escolha do curso, confesso que não foi por eu gostar ou ter vocação. Na verdade eu queria passar no vestibular, independente de qualquer coisa. Cheguei a me decidir por um tempo por Psicologia, mas logo vi que não daria certo. Eu sempre fui apaixonada pela área da saúde e quando eu era adolescente, por um bom tempo eu quis cursar Odontologia. Mas na verdade eu sempre quis Medicina e continuo querendo, é um sonho pelo qual lutarei até conseguir.

Os primeiros dias como caloura foram engraçados, pois eu não conhecia nada na Universidade e para ser mais sincera, eu não conhecia direito o curso de Pedagogia. Eu morria de medo dos trotes, pois eu sempre ouvia falar que eram violentos e eu não queria por nada ir pedir dinheiro no sinal. Mas a Pedagogia me acolheu com muito amor, mostrando-me o lado humano da arte de educar e

desconstruindo a visão de que é um curso voltado apenas para formar professores de crianças. O meu trote foi superengraçado, o trote do professor carrasco, no qual um veterano fingia ser um professor linha dura, que não tolerava 1 minuto sequer de atraso. Passado o susto, quando ele disse que se tratava de um trote, caímos na gargalhada e até hoje me lembro disso.

Uma das experiências mais marcantes no início do curso foi a visita ao Aterro Controlado da Cidade Estrutural, localizada no entorno de Brasília, durante a disciplina de Antropologia e Educação. Até então, eu sabia e tinha consciência das mazelas que acometem não só o Brasil, mas o mundo todo, porém, eu nunca tinha me deparado pessoalmente com isso. Vi e ouvi de tudo um pouco. Pessoas catando lixo, famílias vivendo disso, relatos de pessoas que se satisfazem com esse tipo de trabalho, animais se alimentando de restos de comida, enfim, uma infinidade de opiniões e acontecimentos. Outra coisa que gostei muito quando eu estava no 1º semestre, foram as aulas de Oficina Vivencial. Eram aulas descontraídas e em cada uma um grupo levava o lanche do dia. Foi essencial para que eu pudesse me sentir acolhida na Universidade e foi quando eu comecei a fazer as primeiras amizades.

O tempo foi passando e eu fui ganhando experiência na Universidade. Foi então que eu descobri a professora Stella Maris Bortoni Ricardo, especialista na área de letramento e formação de professores. Todas as fases dos Projetos 3 e 4 eu cursei com ela e a partir daí, eu defini meu tema para a monografia. No início da faculdade eu havia me encantado pelo tema de Educação de Jovens e Adultos, pois acredito que nunca é tarde para aprender. Mas quando conheci o projeto da professora Stella Maris, pelo fato de eu sempre tido afinidade pela leitura, optei pelo tema relacionado à importância de ler.

No final de 2011, depois de um ano inteiro percorrendo hospitais da cidade, meu avô, pai da minha mãe e o único que eu conheci, faleceu no Hospital Regional de Santa Maria, cidade localizada no entorno de Brasília. Foi simplesmente horrível, apesar de já esperar por isso. Meu avô já estava com mais de 80 anos, muito debilitado e mal respondia as perguntas. Com a morte dele, as coisas não foram mais as mesmas, na verdade já não eram desde a morte do meu tio. Mas, temos sempre que seguir em frente.

Na segunda metade do ano de 2012, eu comecei a fazer o estágio obrigatório na Escola Classe 114 Sul, em uma turma de 4º ano, o equivalente à 3ª série, com alunos na faixa etária de 8/9 anos de idade. Inicialmente eu observava somente as aulas de Português, mas depois senti a necessidade de observar todas as aulas. Notei que a maioria das práticas docentes são repetitivas, não havendo espaço para a inovação e isso cansa um pouco os alunos, fazendo-os realizar as atividades por obrigação e não por prazer. O nível de leitura da turma era muito baixo para o estágio de letramento no qual eles se encontravam, pois ao meu ver, eles já deveriam ter um forte domínio da leitura e da correta grafia de algumas palavras. A maioria dos alunos lia os textos pausadamente, quase parando, o que não é tão comum para alunos da idade deles. Muitos nem sequer respeitavam os sinais de pontuação. As atividades de leitura eram baseadas em: leitura de textos e contagem do número de parágrafos; leitura de textos e roda de conversa com a turma, leitura dos textos individuais de produção coletiva, ou seja, são práticas já conhecidas e simples reproduções umas das outras. Cheguei a comparar algumas atividades dos alunos que observei com as atividades de alguns alunos de determinada escola particular de Brasília, muito reconhecida e renomada e fiquei assustada, pois as crianças da escola particular estavam muito mais avançadas em relação às crianças da escola pública. Isso só provou mais uma vez que o nosso sistema educacional precisa urgentemente de reformas e o que eu quero dizer com isso não é copiar as escolas particulares, mas transformar as públicas para que elas ofereçam educação de qualidade.

Ao final do estágio, foi impossível não sentir saudade das crianças, que a todo instante me chamavam de tia e me pediam para esclarecer dúvidas. E o meu maior desejo foi o de que elas se tornem pessoas dedicadas aos estudos, a fim de verdadeiramente contribuir para o progresso do Brasil.

Os acontecimentos ruins que mais me afetaram foram as duas greves com as quais me deparei, cada uma com duração de 3 meses. Uma em 2010, se não me falha a memória, e a outra em 2012. Isso atrapalhou muito a conclusão da minha graduação, sem falar que enquanto todos estavam viajando de férias, os alunos da UnB estava em aula repondo os dias perdidos.

Cheguei a participar duas vezes dos cursos de verão, o que me ajudou muito, pois no semestre seguinte eu não tinha que me preocupar com a matéria cursada. Só não fiz mais cursos de verão devido a essas duas greves que atrapalharam minha vida acadêmica.

Um aspecto que me incomodou muito foi o fato de nem sempre conseguir as mesmas matérias nos mesmos horários que os meus colegas, devido ao fato de que a grade horária da UnB é aberta, então os alunos matriculam-se nas matérias com os melhores dias e horários. Mas em compensação, as amizades que fiz no início do curso, como a Stephanie e a Camila, ficaram mais fortes. Hoje eu paro e penso em como sou amiga da Camila, pois nós duas nem sequer nos olhávamos no início do curso, ainda mais porque ela era do noturno e eu do diurno. Mas hoje posso dizer que essas duas pessoas levarei para sempre em meu coração. E em hipótese alguma aceito a nossa separação após o fim do curso, pois apesar de ter objetivos diferentes dos delas, vou grudar nelas igual chiclete. (risos)

Infelizmente, também me deparei com professores que não deram o retorno que eu esperava e me sinto prejudicada por isso, pois foram matérias obrigatórias e importantíssimas para o meu currículo.

Dois respeitáveis professores que levarei como exemplos são o Professor Dr. Erlando Reses, com quem cursei Educação e Trabalho e Sociologia da Educação, bem como a professora Livia Freitas, com quem tive a oportunidade de conhecer mais sobre a temática de currículo. Pessoas verdadeiramente dedicadas ao que fazem e grandiosas em termos de transmissão de conhecimento e também como pessoas.

Hoje, finalizando meu curso, que apesar de nunca ter sido o que eu sempre quis, foi o que me acolheu primeiramente e por onde eu passar, levarei os ensinamentos que aprendi. Quero e com fé em Deus serei médica, mas eu nunca (e nem quero isso) me desvincularei totalmente da Pedagogia, pois querendo ou não, me apaixonei intensamente pelo curso e mesmo cursando Medicina num futuro muito próximo, com toda certeza usarei os princípios humanos e éticos que a Pedagogia me ensinou. Em minha passagem pela UnB, não consegui conceber ideais mais humanos do que os que eu encontrei na Faculdade de Educação, o amor pela arte de ensinar e o prazer que tem um professor quando vê seu aluno

praticando o que foi ensinado. E mais prazeroso ainda é ver esse aluno crescer e tornar-se um cidadão ou cidadã dignos de exercer e viver plenamente a democracia. Eu tive a oportunidade de trancar o curso e estudar para o vestibular de Medicina, mas não o fiz, pois o amor que eu nutria em meu peito já era grande o suficiente para não abandonar o curso e deixa-lo o somente na hora certa, ou seja, agora.

Mais uma vez, agradeço a todos aqueles que contribuíram positivamente para a minha formação. Digo positivamente porque também passaram pessoas pela minha vida acadêmica com as quais eu me aborreci muito, mas de uma forma ou de outra, deixaram uma lição de aprendizado. E, quando eu estiver me graduando em Medicina, com toda certeza direi que sou médica, mas antes de tudo, sou educadora.

INTRODUÇÃO

Sendo a leitura uma prática social de extrema importância na vida de qualquer ser humano, principalmente no mundo globalizado no qual vivemos, surgiu então, a partir das aulas da professora Stella Maris Bortoni Ricardo nos projetos 3 e 4, a ideia de desenvolver um trabalho que tivesse como foco investigar sobre a importância da leitura na vida do educando dentro e fora da escola. Com base nos trabalhos realizados nos Projetos, na vivência em sala de aula durante o estágio obrigatório e na vida social de um modo geral, a vontade em abordar a temática da leitura foi aos poucos sendo amadurecida e consolidada.

Ao observar as atividades desenvolvidas pelo professor em sala de aula no decorrer do estágio e ao analisar os hábitos das pessoas em relação à leitura, percebi a necessidade que esse assunto tem de ser abordado com mais clareza e de como as pessoas encaram a leitura como uma tarefa obrigatória e não como um hábito prazeroso e saudável.

As mazelas presentes na escola pública brasileira, inclusive na escola onde realizei o estágio, também foram uma espécie de motor que impulsionaram ainda mais o desenvolvimento deste trabalho. Crianças do 4º ano (3ª série) com faixa etária entre 8 e 9 anos, que já deveriam dominar bem algumas práticas de leitura e escrita, pareciam estar estagnadas, lendo e escrevendo como se estivessem em estágio inicial de alfabetização, não sabendo respeitar sequer alguns sinais básicos de pontuação e acentuação gráfica. A escola onde foi realizado o estágio localiza-se em uma superquadra de Brasília e a ideia original, desde o planejamento e construção da cidade, era a de que ela pudesse atender a demanda local de alunos, ou seja, moradores da própria quadra, filhos de servidores públicos da Capital Federal. Com o crescimento acelerado da cidade, foi praticamente impossível atender somente a essa demanda, obrigando as escolas a atender os alunos que hoje residem em cidades do entorno do Distrito Federal. Atualmente, com a diversidade de alunos existentes na escola, ou seja, alunos oriundos de classes médias e altas e aqueles oriundos de famílias pobres, notei o que os dados oficiais de algumas fontes de pesquisas já haviam confirmado: os alunos pertencentes à classes sociais de pouca condição financeira, cujos pais passam o dia trabalhando e não têm tempo de dar assistência aos filhos auxiliando-os nas tarefas de casa,

possuem maior dificuldade na execução de tarefas básicas, como a leitura de pequenos textos e execução de algumas operações simples de matemática. Já os alunos que mesmo estudando em escola pública possuem uma boa condição financeira e maior incentivo da família, demonstram um melhor desempenho escolar.

Sendo ainda a leitura um instrumento eficaz de difusão da cultura e uma das formas mais práticas e interessantes de adquirir conhecimento e a vontade de enfatizar a importância desse hábito, fez com que acelerasse ainda mais a vontade de abordar o tema, realizar as pesquisas e desenvolver o trabalho.

Além da vontade de mostrar a importância da leitura, senti a necessidade de esclarecer conceitos e adaptá-los ao trabalho, tais como: letramento, leitura, leitor e escritor pleno, entre outros.

Por fim, percebi que muito se fala sobre a importância da leitura na vida das pessoas, mas pouco se faz para que elas se interessem em adotar esse hábito. O que se tem são propagandas e mais propagandas dizendo para as pessoas lerem mais, mas somente isso. É preciso criar não só programas e políticas públicas e sociais de incentivo à leitura, mas é preciso pensar também em como dar continuidade à permanência desses programas, ou seja, de nada adianta criar uma biblioteca pública se não houver recursos financeiros e manutenção do acervo e estrutura física do local. É possível notar ainda que, as práticas pedagógicas de ensino da leitura (não digo todas, pois há exceções) são meras reproduções de práticas já conhecidas. Não é que essas práticas antigas não sejam mais válidas, muito pelo contrário, são valiosíssimas. Mas por que não aliar essas práticas à novas maneiras mais dinâmicas e estimulantes de como aprender e gostar de ler?

Minha expectativa maior é a de que este trabalho sirva para conscientizar ainda mais as pessoas de que o hábito de ler é uma ferramenta indispensável na formação de cidadãos mais reflexivos acerca de suas realidades, sendo participantes ativos de uma sociedade informada, capaz de exercer plenamente a cidadania. Pretendo ainda, incentivar a todos aqueles interessados em pesquisar nessa área do conhecimento e gerar inquietações para que um o hábito da leitura e o próprio livro tenham, finalmente, o reconhecimento que merecem.

CAPÍTULO 1

ESCOLA, FAMÍLIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO: UM TRABALHO EM EQUIPE

“A educação sozinha não muda a sociedade e sem ela, tampouco a sociedade muda.”

(Paulo Freire)

Não se deve atribuir somente à escola ou à família a responsabilidade de ensinar a ler e escrever corretamente, bem como incentivar o hábito da leitura, pois ambas complementam-se na tarefa de educar e ensinar e devem realizar um trabalho fundamentado na reciprocidade. Enquanto a escola insere o aluno no âmbito da educação formal, a família deve dar continuidade a esse processo, incentivando o hábito da leitura em casa, complementando assim, o trabalho do professor. Assim como a sociedade também deve contribuir para o progresso da educação, pois o indivíduo é preparado e educado para viver em sociedade. A educação é um processo contínuo e construído coletivamente, portanto, são todos (família, escola e sociedade) integrantes do mesmo conjunto cuja principal função é educar para o pleno exercício da cidadania.

1.1 Aspectos legais sobre o direito à educação (LDB/96, CF/1988 e ECA)

A educação é um direito assegurado e garantido por lei, sendo um processo que se constrói coletivamente entre escola, família e sociedade:

A **educação** abrange os **processos formativos** que se desenvolvem na **vida familiar**, na **convivência humana**, no **trabalho**, nas **instituições de ensino e pesquisa**, nos **movimentos sociais** e **organizações da sociedade civil** e nas **manifestações culturais**. (TÍTULO I, ARTIGO 1º DA LDB/1996). **(grifo meu)**

A **educação, dever da família e do Estado**, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (TÍTULO II, ARTIGO 2º DA LDB/1996). **(grifo meu)**

Os **docentes** incumbir-se-ão de: **zelar** pela **aprendizagem** dos alunos. (ARTIGO 13, INCISO III DA LDB/1996). **(grifo meu)**

São direitos sociais a **educação**, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição. (Capítulo II, artigo 6º da CF/1988). **(grifo meu)**

A **educação, direito de todos e dever do Estado e da família**, será promovida e incentivada com a elaboração da **sociedade**, visando ao **pleno desenvolvimento da pessoa**, seu preparo para o **exercício da cidadania** e sua **qualificação para o trabalho**. (CAPÍTULO III, SEÇÃO I, ARTIGO 205 DA CF/1988). **(grifo meu)**

É **dever da família**, da **comunidade**, da **sociedade em geral** e do **poder público** assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos **direitos referentes** à vida, à saúde, à alimentação, **à educação**, ao esporte, ao lazer, a profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária. (TÍTULO I, ARTIGO 4º DO ECA/1990). **(grifo meu)**

A **criança e o adolescente têm direito à educação**, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o **exercício da cidadania** e **qualificação para o trabalho**... (CAPÍTULO IV, ARTIGO 53 DO ECA/1990). **(grifo meu)**

Podemos ver claramente que a educação é, não somente um direito, mas também um dever, assegurado e previsto por estas três leis. Portanto, atribuir somente ao professor a tarefa de educar, é um pensamento equivocado, pois o professor e a escola têm uma relação direta e um compromisso com a educação escolar. Já à família, atribui-se a responsabilidade de dar continuidade ao que é ensinado na escola e também ao ensino de outros princípios e valores como amor, carinho, afeto e determinados comportamentos. É muito importante que haja um ambiente familiar harmônico que estimule o interesse pela aprendizagem escolar, com os pais demonstrando interesse em ajudar nas tarefas de casa e acompanhando regularmente o desempenho escolar de seus filhos. Pais presentes geralmente cobram mais, o que poderá fazer com que o aluno cobre mais de si mesmo. É também da família que o educando adquire hábitos que carrega consigo na escola, por isso a importância do incentivo, pois as crianças de hoje serão os adultos de amanhã.

Quanto ao papel do professor e da escola, estes devem não apenas educar, mas ensinar a pensar e refletir criticamente sobre a sociedade na qual vivem, pois o papel da educação escolar vai muito além da alfabetização e da transmissão de

conteúdos, devendo despertar no aluno um espírito de curiosidade, tornando-o inquieto e fazendo pensar, refletir e indagar sobre o porquê das coisas.

A educação e a sociedade estão intimamente conectadas, não sendo possível educar o ser humano para viver sozinho, pois isso não faria sentido algum. O homem é educado para a sociedade e pela sociedade. Para a sociedade quando coloca em prática os conhecimentos adquiridos em casa e na escola, respeitando o próximo e sabendo conviver com as diferenças e a diversidade cultural. Pela sociedade é educado ao observar o hábito das outras pessoas e refletindo sobre isso, entrando em contato com outras culturas e tomando para si o que considerar certo ou errado e o que quer ou não seguir, adotando hábitos ou estilos de vida que mais lhe agradar. A sociedade contemporânea exige a formação de cidadãos plenos, críticos e conscientes de suas responsabilidades. A escola, portanto, deve se adequar ao modo com o qual a sociedade se organiza e deve ter como objetivo formar cidadãos que atendam a essas exigências.

1.2 A formação acadêmica do professor leitor

A prática docente e o modo com o qual o professor ensina os conteúdos e transmite conhecimentos ao aluno, é fruto do que vivenciou em sua formação enquanto graduando e terá um forte impacto dependendo do modo como o aluno recebe esse conhecimento, ou seja, o aluno carrega consigo por toda a vida a maneira como foi ensinado pelo professor. Assim como a educação e o processo de ensino-aprendizagem, a formação docente não deixa de ser contínua e merece total atenção. Muito se tem falado a respeito da formação continuada, mas esta é uma área que ainda precisa melhorar mais. Os professores ao terminarem a graduação, não devem acomodar-se somente com o título de ser professor e devem buscar formas de enriquecer o próprio currículo. As tabelas a seguir mostram, por exemplo, como os alunos do curso de Pedagogia da UnB estão sendo preparados para alfabetizar e ensinar a ler. Para uma melhor noção de como isso está sendo feito, há nas figuras abaixo as disciplinas da área da alfabetização e letramento que compõem a grade curricular do curso:

FIGURA 1: Disciplinas de alfabetização e letramento do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

<i>Disciplina</i>	<i>Ensino e Aprendizagem da Língua Materna</i>
<i>Ementa</i>	<i>Fundamentos linguísticos, sócio- psicolinguísticos e antropológicos da linguagem e suas relações com o ouvir, o falar, o ler e o escrever na educação de crianças, jovens e adultos; a questão do método; o sujeito da aprendizagem e o objeto do conhecimento; alternativas educacionais decorrentes.</i>
<i>Alguns objetivos</i>	<i>- Formar profissionais competentes e politicamente comprometidos com as reivindicações populares na área de língua portuguesa, para crianças, jovens e adultos. - Compreender que os tópicos gramaticais e literários só assumem significado pleno, se focalizados a partir da linguagem entendida como uma faculdade inerente ao ser humano pela qual ele interage com os seus semelhantes.</i>

(fonte: www.unb.br)

FIGURA 2 : Disciplinas de alfabetização e letramento do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

<i>Disciplina</i>	<i>Processo de Alfabetização</i>
<i>Ementa</i>	<i>Conceito de alfabetização. Aspectos político e ideológicos do processo de alfabetização. Alfabetização e classes sociais. Evolução das concepções do processo de alfabetização no Brasil: situação atual e perspectivas. Perspectivas linguísticas, psicolinguísticas, sociolinguísticas e antropológicas e suas implicações pedagógicas na educação de crianças e adultos. A construção da representação escrita da linguagem.</i>
<i>Alguns objetivos</i>	<i>- Formar alfabetizadores competentes e politicamente comprometidos com as reivindicações populares. - Estimular o desenvolvimento de</i>

	<i>estudos, pesquisas, avaliação e sistematização de experiências na área de alfabetização de crianças, jovens e adultos.</i>
--	---

(fonte: www.unb.br)

É possível notar que há, de fato, disciplinas voltadas para preparar o professor a ensinar a ler e escrever, mas ainda assim é necessário que se discuta mais esses dois aspectos, pois leitura e escrita caminham juntas e exercem um papel imprescindível e de destaque, senão os mais importantes, no processo de alfabetização e ensino-aprendizagem.

Então, se o professor tem o desafio de formar leitores e escritores, mas não possui o hábito da leitura ou não teve esse suporte em sua formação acadêmica, cabe à formação continuada auxiliar o docente a criar familiaridade com a leitura, fazendo-o conhecer as práticas e comportamentos de leitura e escrita que estão envolvidos na alfabetização. Os formadores irão auxiliar o professor a conhecer novos autores, mostrando ao professor o que se faz após a leitura de um texto, comentando e indicando novas fontes de leitura, estimulando o professor a pesquisar sobre algum texto ou autor que mais tenha lhe agradado.

1.3 O papel do professor e do bibliotecário

Como já mencionado anteriormente, o professor deve buscar meios de enriquecer e atualizar seu currículo, redimensionando os objetos de estudo (os conteúdos) e procurando sempre renovar ou criar práticas pedagógicas que estimulem no aluno o interesse pelo hábito da leitura. Qual é, então, o papel do professor diante dessas práticas? Que postura ou visão ele deve adotar?

Sendo essas práticas pedagógicas ricos instrumentos com os quais o professor irá trabalhar, ele deve, portanto, olhar para cada uma dessas práticas, aproximando-se delas na intenção de procurar entender como elas acontecem e como interferem na vida dos alunos. No caso do ensino da leitura, o professor deve tentar entender como se dá a prática de leitura e de textos literários, ou seja, como isso ocorre desde a elaboração das aulas e da forma como irá transmitir esse conteúdo até o momento em que o aluno irá apreendê-lo. O papel do professor deve

ser o de facilitador da aprendizagem, não apenas de alguém responsável por ensinar os conteúdos básicos previstos no currículo escolar. Se o professor tem o desafio de formar leitores e escritores, ele precisa manter uma íntima relação com a leitura e a escrita, tendo também uma disposição pessoal para estudar e refletir. Outra figura muito importante e que é pouco citada quando o assunto é leitura, é o bibliotecário. Este é um profissional mediador da informação e da leitura, responsável também por zelar pela fonte da informação e do conhecimento na escola, que é a biblioteca. A respeito do bibliotecário e de suas funções:

Os serviços bibliotecários não podem ser reduzidos a “tombar, tirar e por livros na prateleira” e nem a simplesmente controlar a data de entrega dos livros emprestados; as funções do bibliotecário não podem transformar-se em automatismos rotineiros e inconsequentes. O bibliotecário escolar deve ter como função, além de outras, preparar programas de incentivo à leitura, juntamente com professores, orientadores e supervisores. (SILVA, p.14)

CAPÍTULO 2

LEITURA: FALANDO E ESCRREVENDO MELHOR

Neste capítulo, o que se tem por objetivo é mostrar a importância da leitura no convívio social e escolar, ou seja, dentro e fora da escola. Muitas pessoas acham que o hábito e o gosto pela leitura não necessariamente fazem a pessoa escrever melhor, mas há estudos que provam o contrário: quem lê muito, fala e escreve melhor. O fato é que é importante que as pessoas leiam para que possam manter-se informadas, afinal, vivemos em um mundo globalizado e, querendo ou não, este é um hábito que possui como consequência o enriquecimento vocabular e facilita muito no momento de redigir um texto, já que o conhecimento de novas palavras dá-se através da leitura.

2.1 Quem muito lê, fala e escreve melhor?

Segundo reportagem da Revista Nova Escola da autora Magda Soares, “*A leitura facilita a escrita ao enriquecer o vocabulário da criança e ao ajuda-la a internalizar a estrutura sintática da língua e conhecer diferentes gêneros textuais.*” A leitura é valiosa enquanto instrumento de enriquecimento e desenvolvimento profissional e pessoal, pois permite o acesso à informação, o que traz benefícios pessoais e sociais. Quem lê desenvolve melhor o senso crítico, melhora a capacidade de argumentação, adquire cultura, além do já citado enriquecimento vocabular. Quanto maior for o envolvimento do aluno com o texto ou com alguma obra literária, maior será a sua capacidade de comunicação. Ao ler, o aluno também está aprendendo muito sobre si mesmo, sobre os outros, podendo compreender o passado, o presente e o futuro, organizando seus pensamentos e ganhando conhecimento e renovação. Através da leitura, o aluno pode adquirir o conhecimento oriundo de outras pessoas, podendo refletir sobre isso, opinando, criticando de forma construtiva e construindo o seu próprio modo de pensar. Porque, então, que o aluno ou a pessoa que lê escreve melhor?

Além de ajudar a construir uma visão de mundo e estimular a imaginação, promover o desenvolvimento da linguagem e da criatividade, a leitura melhora a capacidade de escrita. Com o hábito da leitura frequente, o leitor obtém melhorias na

escrita quando presta atenção à correta grafia das palavras, memorizando a maneira certa de escrevê-las. A leitura é emancipadora, permitindo-nos enxergar o mundo de uma forma diferente e mais ampla, além de ser um fator indispensável no desenvolvimento social e econômico de um país, pois a qualificação da mão de obra está ligada à habilidade de leitura.

O ato de ler constitui-se como uma experiência única, um exercício de decifração, interpretação e reflexão entre o leitor e o texto. Portanto, quem lê muito fala melhor, pois os próprios conceitos são reavaliados pela leitura. É uma espécie de reaprendizado constante. Ao ler um texto, o aluno normalmente se depara com palavras desconhecidas e isso pode gerar uma curiosidade e inquietação, estimulando a busca em dicionários do significado da palavra. Para quem está empenhado em aperfeiçoar o próprio idioma e aprimorar a expressão verbal, a leitura configura-se como ferramenta eficaz nessa tarefa. A capacidade de oratória e argumentação é potencializada por essa busca de termos desconhecidos no dicionário, pois ao encontrar o significado do termo desconhecido, o leitor acaba encontrando também outros sinônimos da palavra, o que enriquece seu universo vocabular. Aqueles que desejam apropriar-se do bom uso da língua, encontram na leitura o apoio ideal. Outro fator que comprova a eficácia da leitura quanto à melhoria da fala e da escrita, reside no fato de que a língua (de um modo geral, não apenas o português) sofre constantes alterações ao longo do tempo e a leitura apresenta-se como uma importante condutora no processo de atualização dessas mudanças. Ao encontrar-se em situação do que é ou não correto utilizar na escrita, o leitor também encontra na leitura a possibilidade de sanar essas dúvidas, pois a leitura cumpre um papel importante no esclarecimento de dúvidas. Ao conhecer a grafia correta das palavras através da leitura, o aluno passa a prestar mais atenção na forma como escreve e fala, tentando usar sempre a maneira correta. É importante que o aluno tenha conhecimento de que o uso de gírias e outras expressões coloquiais da nossa língua são admissíveis, mas em situações informais. A transparência e a correção da linguagem – aspectos aprimorados através do bom uso da leitura como recurso auxiliar - são características da língua culta, normalmente utilizada em situações formais, que geralmente exigem o uso de uma linguagem rebuscada. Segundo reportagem publicada na revista *Veja* (editora ABRIL de 11 de agosto de 2010, edição 2177, ano 43, nº 32, página 100) “No auge

da democracia clássica grega, no século V a.C., a fala era a principal arma de intervenção na vida pública.” Portanto, ler é indispensável para quem quer se expressar bem, seja na fala ou na escrita, pois a leitura mostra as diversas possibilidades de expressão da língua, enriquece o vocabulário, ensina o leitor a organizar-se mentalmente, oferecendo a ele adquirir conteúdo (conhecimento). Sendo assim, ao se apropriar de argumentos interessantes e pertinentes a dizer, é o primeiro passo para o leitor falar e escrever bem, prestando ainda, atenção aos modos de expressão correntes. Para quem é estimulado a ler desde cedo, a leitura torna-se hábito e prazer.

2.2 Formando leitores e escritores plenos

Baseando-nos em fatos que ocorreram no passado, podemos afirmar que ler era um hábito que pertencia somente às pessoas cultas e que fazia parte de uma classe específica da sociedade: a classe alta. Assim como a educação e especificamente, a escola, que não eram para todos. Após intensas lutas e manifestações sociais em prol do direito à educação e com a expansão do acesso ao ensino para as classes populares, hoje temos uma gama de leitores que, aos poucos, tornam-se cada vez mais numerosos devido ao avanço acelerado da tecnologia, da globalização e da necessidade de obter mão de obra amplamente qualificada para o mercado de trabalho. Quando se torna um hábito inerente ao ser humano, a leitura promove, de certa forma, ascensão social e pessoal, tornando-se uma espécie de vício saudável. Ao se interessar por algum título, obra ou textos fragmentados, a primeira reação do leitor é de curiosidade, impulsionando-o a ler para saber do que se trata. Cada pessoa tem em mente livros que gostaria de ler, porém, se a leitura não for envolvente e atrativa desde as primeiras páginas, o leitor logo desiste parando de ler ou trocando de livro. Portanto, a estética da leitura deve ter tanta importância quanto o conteúdo. Mas, será que esses leitores compreendem e sabem interpretar o que leem? Se, de fato, conseguem fazer isso, são considerados plenos no sentido de saber o que estão lendo, tendo autonomia suficiente para fazer inferências e até criticar de forma construtiva.

A plenitude no âmbito da leitura e da escrita dá-se desde o início da alfabetização e esse é um desafio com o qual o professor tem que aprender a lidar:

Alfabetizar não é simples. O educador precisa saber o momento certo para articular leitura e produção de texto e fazer as intervenções adequadas para o aluno avançar. (Maggi Krause, p.8, 2012).

O leitor pleno é aquele capaz de voltar sua atenção para os aspectos implícitos do texto, fazendo sua própria avaliação. Já o leitor de baixo nível presta mais atenção aos significados superficiais, pouco se importando aos significados implícitos. O conhecimento prévio também influencia para que o leitor atinja um aprimorado nível de leitura, pois a amplitude do significado do vocabulário de um leitor depende da natureza e qualidade de suas experiências prévias.

O analfabetismo funcional – característica da pessoa que não sabe ou não consegue interpretar o que lê - é fruto de uma educação que produz não leitores e não escritores. O fato de alfabetizar ensinando as normas gramaticais corretas não formam, necessariamente, bons leitores e escritores. Quem faz isso são os bons textos feitos por aqueles que leem e redigem/escrevem regularmente. (TELMA WEISZ, p. 35-37, 2012).

Ainda segundo Weisz, ninguém passa do estado de ignorância absoluta para o de sabedoria total. Portanto o professor responsável pela fase de alfabetização, deve procurar formas de atualizar-se constantemente, renovando suas práticas de ensino e encarando a fase inicial de alfabetizar como uma fase de ganho de experiência, contribuindo assim, para uma eficaz formação de leitores e escritores plenos. O professor não deve medir esforços no que se relaciona ao incentivo da leitura e precisa também ter em mente que uma boa proposta de alfabetização é aquela que foi planejada, pressupondo uma investigação de como está acontecendo o desenvolvimento do aluno, prestando atenção às dificuldades que surgem e procurando as formas mais eficazes de saná-las. Conseqüentemente, a boa escrita é resultado de um profundo contato com a leitura, pois à medida que avança na leitura, o leitor adquire uma escrita cada vez mais sofisticada, tornando-se não somente um leitor, mas também um escritor pleno.

A prática de leitura vai muito além de gostar ou não. Como já citado anteriormente e como já se sabe, com o avanço e o aperfeiçoamento das tecnologias, com o crescimento exacerbado da globalização e sua notável interferência na sociedade, com a necessidade de fluência em mais de um idioma, o ato de ler, portanto, torna-se uma necessidade. O incentivo à leitura é a melhor forma de preparar o indivíduo para o mundo, tornando-o um

cidadão bem informado. Em um mundo que gira em torno da comunicação, ler é essencial para o desenvolvimento do repertório, pois, normalmente as pessoas que lidam com tais atividades necessitam de um rico repertório, utilizando-se de uma boa capacidade oratória. Seja para o trabalho, escola ou vida pessoal, a leitura é uma prática educativa com alto poder de transformação social, fazendo com que o sujeito se reconheça como autor de sua própria história.

2.3 Compreensão

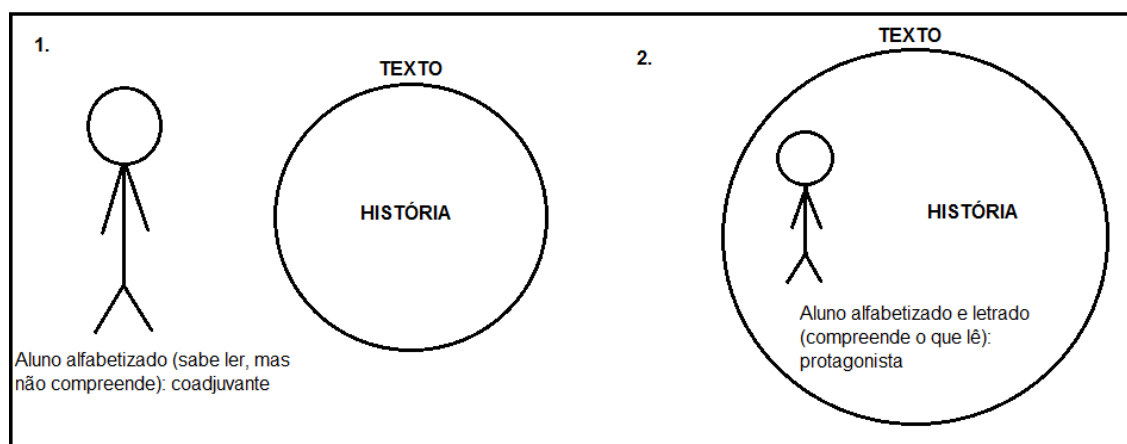
A compreensão é uma dimensão profunda e específica do leitor letrado e pleno, uma vez que é possível ao alfabetizado saber ler, mas não conseguir interpretar. Este é um sujeito alfabetizado, porém, não é letrado. São vários os aspectos que caracterizam a compreensão, entre eles: o conhecimento das palavras (gramática e grafia corretas), raciocínio durante a leitura (capacidade de fazer inferências e identificar aspectos relevantes e implícitos), capacidade de voltar a atenção aos aspectos explícitos do texto, conhecimento específico dos recursos literários e capacidade de identificar o principal pensamento do texto. Na sociedade em que vivemos, na qual predomina o avanço da tecnologia e da globalização, não é suficiente que o indivíduo aprenda a ler e escrever. É preciso que ele tenha competência para usar tais práticas, podendo exercer livremente a cidadania.

Ser letrado implica fazer o uso competente e frequente da leitura e da escrita no dia a dia. Para tornar-se letrado, é preciso envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita, ou seja, saber fazer o uso da leitura e da escrita. (...) O indivíduo letrado deve não apenas aprender a ler e escrever, mas também apropriar-se da escrita para responder às demandas sociais. (MACHADO, p.42, 2012.).

Na sociedade da informação e do conhecimento, não é suficiente saber ler e escrever, mas aprender a usar a leitura e a escrita para participar ativamente de tudo o que ocorre na sociedade. Também não é suficiente que o aluno aprenda a gostar de ler, sendo necessário que ele entenda o que está lendo, do contrário, não faria sentido o ato de ler. A compreensão em leitura atua como uma prática libertadora pois, a partir do que leu, o aluno pode associá-la a aspectos de sua própria realidade. Ao aprender a compreender, o aluno passa da posição de coadjuvante para protagonista de sua própria história. Portanto, além de alfabetizar o aluno, a escola deve ensinar a leitura dos diversos tipos de textos, pois diferentes

processos de leitura originam diferentes formas de ensinar. O aluno precisa aprender a ler e compreender desde textos literários (poemas, prosas) até textos informativos, jornalísticos e de outros gêneros. A leitura é um processo complexo e a compreensão é um de seus aspectos indispensáveis. Conforme a sociedade evolui ao longo do tempo e com ela, a tecnologia e o aumento de exigências para a inserção no mercado de trabalho, temos mais recursos para que se possa enfrentar esse desafio. É necessário que haja políticas públicas eficientes, assegurando a eficácia de sua aplicação. Lembrando ainda que não basta a criação de tais políticas. Precisamos também de meios que garantam a sua continuidade. A figura a seguir demonstra, ainda que simbolicamente, a diferença entre o aluno alfabetizado e o aluno alfabetizado letrado:

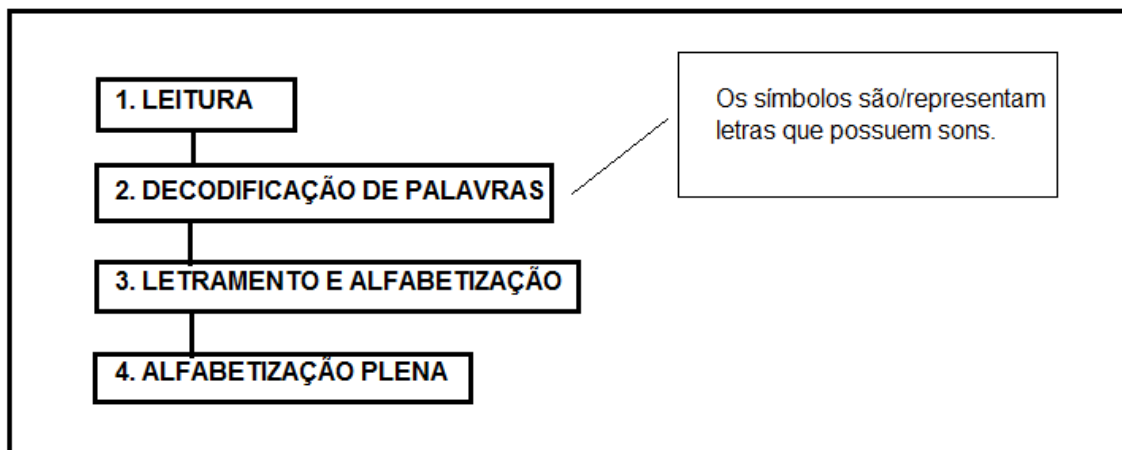
FIGURA 3: Demonstração simbólica de comparação entre o aluno alfabetizado não letrado e do aluno alfabetizado letrado.



Fonte: elaboração própria

Pode-se concluir que, no desenho de número 1, o aluno alfabetizado sabe ler, mas não compreende, pois não está inserido no conjunto e não participa dele. No desenho de número 2, o aluno alfabetizado e letrado, além de saber ler, é capaz de compreender, pois está inserido no conjunto, podendo participar ativamente dele. Essa inserção no conjunto, representa simbolicamente a inserção do aluno letrado na sociedade da informação e do conhecimento, através da leitura, lembrando que essa inserção é mais eficaz quando há compreensão. A figura a seguir mostra que a aprendizagem da leitura ocorre através de um processo constituído por etapas, que são:

FIGURA 4: Etapas do processo de aprendizagem da alfabetização plena.



Fonte: elaboração própria

Portanto, é novamente dada ênfase ao aspecto da compreensão. A alfabetização plena em leitura só ocorre quando há compreensão, do contrário seria um processo puramente mecânico, no qual se aprende a ler, mas não se aprende a compreender. O professor, ao ensinar o aluno a ler, não deve apenas ensinar a decodificação de símbolos (estágio inicial), mas oferecer ferramentas para desenvolver também a habilidade discursiva e escrita do aprendiz, contribuindo, assim, para sua formação como leitor competente.

2.4 Interpretação

A leitura é um processo dinâmico que nos permite (já no estágio de compreensão) interagir com o autor através dos significados impressos no texto. Portanto, ler implica atribuir sentidos para compreender significados. Ao trabalhar esses aspectos, o professor também mostra ao aluno que o texto não é apenas a palavra escrita, mas todos os aspectos que ele poderá encontrar em sua realidade. Mas é preciso, ainda, utilizar práticas pedagógicas e didáticas inovadoras para ensinar ao aluno a compreensão e a interpretação. A meu ver, as etapas da leitura são estas, respectivamente (mais detalhadamente, acrescentando-se alguns aspectos, complementando a estrutura da figura anterior mostrada no subitem 2.3):

LEITURA → DECODIFICAÇÃO DE SÍMBOLOS (PALAVRAS) → COMPREENSÃO (ATRIBUIÇÃO DE SENTIDOS E SIGNIFICADOS – O QUE O AUTOR QUER DIZER) → INTERPRETAÇÃO (O QUE O ALUNO ENTENDEU).

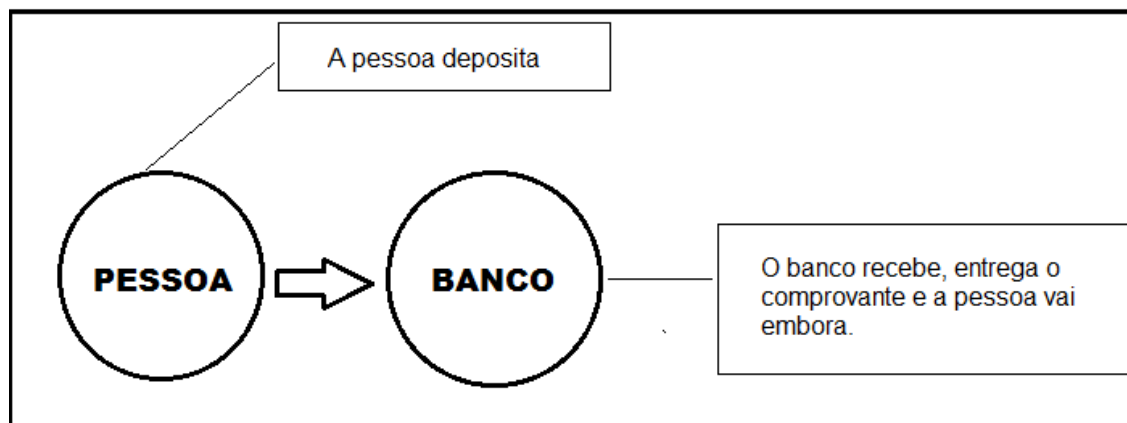
Portanto, a compreensão textual refere-se ao que o aluno entendeu sobre o que o autor quis dizer, já a interpretação é a maneira como o aluno entendeu, podendo ser diferente ou não do que o autor quis transmitir.

2.5 Educação bancária e a pedagogia do oprimido – a leitura como ferramenta de combate

Gostaria de iniciar esse tópico com uma pergunta: Comprovada a eficácia da leitura na vida das pessoas e atrelando essa concepção à perspectiva freireana de educação, por que a leitura constitui-se como uma ferramenta de combate a essa opressão?

Em primeiro lugar, faz-se necessário conceituar educação bancária e, posteriormente, o que significa a pedagogia do oprimido. A primeira refere-se a um tipo de educação antidialógica, na qual o aluno é ensinado apenas a arquivar o conteúdo que recebeu, de modo que apenas memoriza. O professor adquire o conhecimento e apenas narra os resultados aos alunos. Esse tipo de concepção de educação não promove a educação. O que ocorre é a mera reprodução de conteúdos. Não há processo de reflexão, o que caracteriza a acriticidade. É assim chamada por ter uma semelhança ao sistema bancário, como mostra a figura a seguir:

FIGURA 5: Demonstração simbólica da educação bancária.



Fonte: elaboração própria

O banco incumbe-se de entregar o comprovante para a pessoa, que simplesmente irá guardar ou arquivar. Esse arquivamento do comprovante assemelha-se ao “arquivamento do conhecimento pelo aluno” que não passa pelo processo de reflexão na concepção bancária de educação. Já o banco, sendo o detentor do dinheiro, assemelha-se ao professor, que é detentor do conhecimento.

O segundo conceito (pedagogia do oprimido) é a relação entre opressor e oprimido. A maneira como o opressor se impõe ao oprimido gera situações favoráveis ao opressor para que o oprimido sempre o veja como algo necessário em sua vida, ou seja, para que ele sempre precise do opressor. A relação opressão e oprimido também é bastante visível na sociedade em que vivemos, marcada pelo capitalismo exacerbado, consumismo exagerado e rodeada de mazelas sociais que parecem não ter fim.

Relacionando estes aspectos à educação e à sociedade de um modo geral, podemos dizer que o oprimido é aquele que não se reconhece como sujeito de sua própria história. A escola deve atuar com responsabilidade, ensinando a reflexão crítica quanto ao meio social no qual o indivíduo está inserido, além do “tradicional ler e escrever”. Isso seria romper barreiras com o tradicionalismo educacional, mostrando que o “novo” também é bem vindo. As práticas antigas não precisam ser extintas e sim readaptadas, reorganizadas, de modo que não andem sozinhas, mas caminhem junto com as novas formas de ensinar. Para Paulo Freire, alfabetizar é conscientizar e o ensinar a não pensar é algo proposital e planejado pelos que estão no poder, assim terão em suas mãos o maior número possível de oprimidos. “Se a tomada de consciência abre o caminho à expressão das insatisfações sociais, se deve a que estas são componentes reais de uma situação de opressão.” (FREIRE, 2011, p.24).

A tomada de consciência à qual Paulo Freire se refere é, também, a consciência no mundo e para o mundo. A primeira se refere à inserção do indivíduo no mundo em que vive, no seu âmbito social e como ele se vê dentro desse espaço. A segunda é para onde a consciência individual deve estar voltada, ou seja, para o mundo e tudo o que nele acontece. Essa consciência voltada para o mundo significa uma consciência crítica, capaz de refletir tanto sobre os aspectos que fazem parte da sociedade, como sobre a influência que o indivíduo exerce nela. A leitura, como

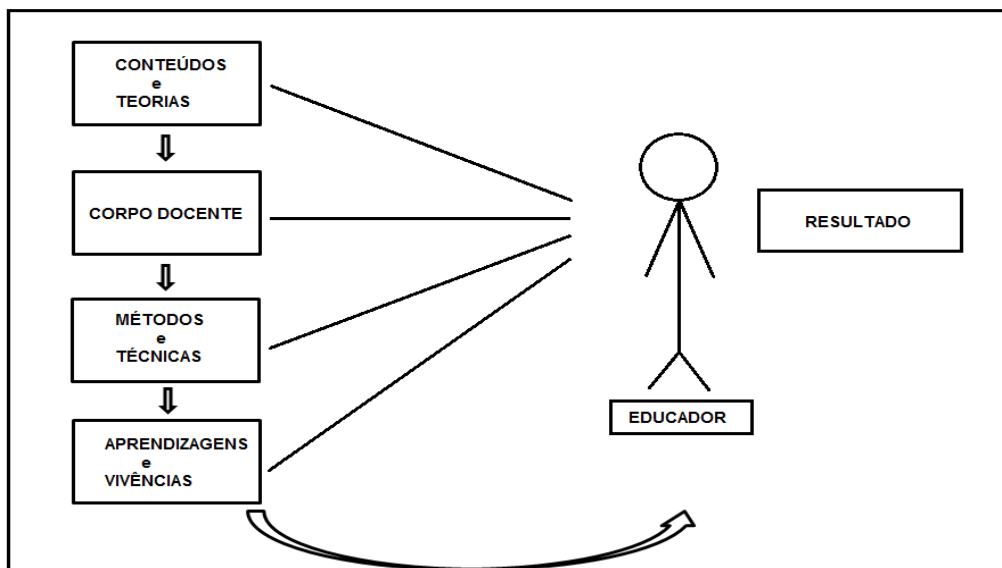
ferramenta libertadora e concessora do acesso à informação, permite ao ser humano que saia do círculo vicioso (sucessão, geralmente ininterrupta, de acontecimentos que se repetem e voltam sempre ao ponto de origem, colidindo sempre com o mesmo obstáculo) promovido pela alienação social (problema de legitimidade do controle social, é um problema de poder, expresso no ato da dominação. Volta-se para a hierarquia do controle dentro do próprio contexto social, onde as condições sociais tornam o indivíduo separado da sociedade) e passe a integrar o conjunto de pessoas que reivindicam porque sabem e sabem porque buscaram, porque foram atrás e porque leram. Portanto, incentivar a leitura é uma prática pedagógica que deve estar sempre presente na didática docente, independente das etapas escolares na qual o aluno se encontra após ter aprendido a ler e escrever. Para tornar-se uma prática eficaz e emancipadora, a leitura deve ser frequente, nunca devendo acabar. Deixar de ler é deixar de ver o mundo, deixar de ouvi-lo e principalmente, deixar de participar nele, pois “quem não lê, mal ouve, mal fala e mal vê” Como dizia Malba Tahan.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA DE PESQUISA

Em nosso cotidiano, principalmente nas aulas e na Faculdade de Educação, estamos constantemente discutindo assuntos que visem à melhoria da qualidade da educação em nosso país e a formação docente é um dos assuntos mais comentados. Enquanto graduando, o (a) futuro (a) educador (a) recebe influência direta de seus professores mestres, doutores e pós doutores, particularmente na didática utilizada por eles e na forma como interagem com seus alunos. Embora o processo de formação desses futuros professores esteja sob a influência de métodos e práticas tradicionais, ao sair da Universidade é o egresso quem define as práticas docentes mais adequadas de acordo com a realidade com a qual irá se deparar. Ao mesmo tempo, os professores universitários têm uma opinião formada acerca do que acham mais apropriado em relação às práticas que seus alunos utilizarão (ou que deverão utilizar), o que interfere na formação dos sujeitos que atuarão em sala de aula ou que, de outra forma, estarão ligados à tarefa de educar. O educador recém-formado é o resultado final de um processo constituído por etapas onde as vivências pelas quais passou foram determinantes para o que ele irá se tornar, o que pode ser exemplificado na figura a seguir:

FIGURA 6: Resultado da formação do educador.



Fonte: Elaboração própria.

3.1 Contexto da pesquisa

A maioria das pesquisas de monografia são realizadas nas escolas, com perguntas e/ou observações feitas diretamente aos professores e/ou alunos. Impulsionada pela curiosidade em saber a opinião especificamente de alguns estudantes e docentes do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, optei por realizar a minha pesquisa na própria instituição, através de um questionário constituído por 10 perguntas, aplicados a 9 pessoas, sendo 5 alunos e 4 professores. Acredito que ainda há poucos estudos realizados dentro da Faculdade, por isso escolhi não ir para a escola, focando meu trabalho no espaço de formação do sujeito que atuará diretamente nas escolas, tornando-se ou não professor (a), mas que de alguma forma, estará vinculado à educação. Como já citado anteriormente em meu memorial, o interesse pelo tema surgiu nos projetos 3 e 4, os quais cursei sob a orientação da Professora Dr^a Stella Maris Bortoni Ricardo.

A opção por uma pesquisa quantitativa/ qualitativa (assim eu classifico o meu trabalho), na qual a intenção principal é detectar qual a importância da leitura na vida dos entrevistados, serve para fundamentar, esclarecer, analisar e refletir sobre os aspectos abordados no presente estudo. Portanto, pode-se definir o questionário como:

A técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, p.124).

Com o intuito de saber precisamente o que a leitura significa na vida dos docentes universitários e futuros educadores (graduandos), todas as perguntas são de escolher apenas uma opção. Somente uma pergunta tem também a opção de resposta subjetiva (que não é obrigatória). Aspectos subjetivos e opiniões muito pessoais são mais complexos para serem analisados, o que dificulta uma análise mais precisa, podendo resultar em uma possível interpretação errada. Portanto, para atingir uma finalidade mais objetiva, que é quantificar o número de respostas iguais e diferentes e posteriormente qualificá-las quanto à importância que possuem na vida dos entrevistados, foi escolhido o questionário com perguntas fechadas como forma de metodologia utilizada. Levando ainda em consideração algumas vantagens

do questionário, este foi escolhido como a opção mais adequada para o alcance do objetivo principal, pois “(...) não expõe os pesquisados à influência das opiniões e do aspecto pessoal do entrevistado.” (GIL, p.125). O questionário é uma ferramenta de trabalho e pesquisa aparentemente simples. Mas significa muito mais que aplicar perguntas. Ele exige que o entrevistador tenha um significativo conhecimento prévio desde a elaboração das perguntas, até o momento de análise dos dados. Por isso a facilidade atribuída a ele é apenas aparente. Por fim, optei por aplicar o questionário somente aos alunos da Faculdade de Educação e seus respectivos professores, por acreditar ser de fundamental importância conhecer e entender a visão de quem atuará diretamente na educação no processo de ensino e aprendizagem (egressos) e também daqueles que estão ajudando a formar essas pessoas (docentes universitários).

3.2 Procedimentos de abordagem e aplicação do questionário

Foi interessante o momento de aplicação dos questionários pois, até então, parecia óbvio que todos poderiam responder na mesma hora. Mas, diante da impossibilidade de alguns de responderem às perguntas no mesmo instante em que eu solicitava (alguns por terem compromisso marcado, outros por terem aula, estágio, trabalhos da faculdade), alguns responderam por email, outros presencialmente e outros me entregaram depois. Eu fiquei surpresa, mas gostei dessa liberdade que o questionário permitiu aos entrevistados de poderem responder às perguntas na hora em que fosse mais propícia. Ninguém se recusou a responder às perguntas, o que me deixou muito feliz. O único contratempo foi o fato de não obter todas as respostas no ato da entrega dos questionários, o que demandou paciência e um tempo maior para finalizar o trabalho. Antes de aplicar o questionário, eu sempre perguntava ao entrevistado se ele aceitaria responder e para isso, eu explicava o motivo. Percebi certa desconfiança em algumas reações, como “Questionário? Pra quê?”. Eu achei isso engraçado, pois percebo que muitas pessoas ainda têm medo de se identificar ao expressar uma opinião. Mas essa desconfiança desapareceu quando eu expliquei que era opcional colocar o nome ou que poderiam ser colocadas apenas as letras iniciais, o que tranquilizou algumas pessoas. Alguns até me pediram para enviar por email para que pudessem responder depois, antes mesmo que eu entregasse o questionário impresso.

Todos os graduandos entrevistados responderam às perguntas através de e-mails que eu enviei. Inclusive, todos também se encontram na condição de prováveis formandos do 1º semestre de 2013, o que eu acredito ter influenciado fortemente na escolha por responder via email, devido à falta de tempo em responder presencialmente. Isso foi ainda melhor, pois como eu já citei, minha intenção foi a de obter respostas o mais objetivas possível. O lado ruim foi ter que esperar para receber o retorno dos emails. Já com os professores, apenas um me pediu para entregar no dia seguinte. Resumindo, todas as abordagens foram feitas presencialmente, com a diferença marcante entre os que preferiram responder via email e os que puderam responder de imediato.

3.3 Pesquisa qualitativa x pesquisa quantitativa

Diante da complexidade que é desenvolver um trabalho acadêmico com qualidade devido à dedicação que por ele é exigida e, ainda, das dúvidas latentes entre uma pesquisa qualitativa e outra quantitativa, o objetivo proposto neste item é justamente explicar a diferença básica entre os dois conceitos, esclarecendo o motivo da pesquisa de este trabalho ser classificada como quantitativa e ao mesmo tempo, qualitativa. A pesquisa é uma forma de enriquecimento profissional, que servirá também para aperfeiçoar toda a prática exercida após o término da graduação. Portanto, quantidade e qualidade caminharão, respectivamente, juntas no presente trabalho. O termo quantidade advém da ideia de querer quantificar as respostas parecidas e diferentes de acordo com cada pergunta, ou seja, para a mesma pergunta, quantas pessoas pensam da mesma forma ou diferente. Assim, com base nos dados obtidos e, a partir da análise feita, a quantidade será tratada em relação à importância que a leitura tem na vida dessas pessoas, como por exemplo, na questão de número 8 do questionário realizado, que diz o seguinte: “De 0 a 10, que nota você atribui ao seu hábito de leitura?”. Essa questão é bem objetiva e fechada e permite muita precisão ao analisá-la. Se dos 9 entrevistados, apenas 2 atribuíram nota acima de 8 e o restante atribuiu nota abaixo de 5, significa que a qualidade em termos de leitura está baixa na vida das pessoas que responderam ao questionário.

Antes de explicitar os motivos que me levaram à classificar a pesquisa deste trabalho como quantitativa/ qualitativa, conceituarei a seguir (a partir de definições obtidas em fontes de pesquisa confiáveis) cada termo, para que a noção de quantidade e qualidade seja clara e objetiva e ainda, para que a familiaridade com ambas vá sendo construída desde já. Sendo assim:

Quantidade: s.f. Qualidade do que pode ser medido ou contado, do que é suscetível de acréscimo ou diminuição: medir uma quantidade. / Grande número: adquiriu uma quantidade de livros. (Sin.: multidão, massa, cópia, turba, número.) (Dicionário Aurélio)

Qualidade: s.f. Maneira de ser, boa ou má, de uma coisa: a qualidade de um tecido, de um solo. / Superioridade, excelência em qualquer coisa: preferir a qualidade à quantidade. / Aptidão, disposição favorável. (Dicionário Aurélio)

Temos, então, a diferença básica conceitual entre os dois termos. Agora, serão expostas a seguir, as características e a relação dessas palavras com a metodologia escolhida para este trabalho, que é uma pesquisa quantitativa/ qualitativa. Segundo Duarte, a pesquisa quantitativa “se traduz por tudo aquilo que pode ser quantificável, ou seja, traduzir em números as opiniões e informações para então obter a análise dos dados e, posteriormente, chegar a uma conclusão.” Pesquisa quantitativa é aquela que “considera que algo pode ser quantificável, o que significa traduzir em números opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e técnicas estatísticas.” (MORESI)

A pesquisa qualitativa é a interpretação do fenômeno que está sendo observado. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (MORESI).

Agora, com os conceitos principais definidos e bem explicados, posso dizer o motivo de esta pesquisa, ser assim classificada. A quantidade vem antes da qualidade porque só é possível determinar o nível de qualidade da leitura (bom ou ruim) na vida dos entrevistados a partir da comparação das respostas entre um questionário e outro. A quantidade refere-se aos seguintes pontos principais:

- Número de participantes. (9)
- Número de respostas iguais.
- Número de respostas diferentes.

- Número de perguntas. (10)

A quantidade refere-se aos números, já a qualidade tem a ver com os níveis (altos ou baixos) e representa o resultado das análises, que serão apresentadas no próximo capítulo. Através da contagem de respostas iguais e diferentes, tem-se subsídios para a medição da qualidade do hábito de leitura na vida das pessoas que pertencem ao grupo entrevistado. Com o levantamento de informações, foi possível obter uma breve “radiografia” do hábito da leitura do cotidiano dos sujeitos entrevistados, identificando claramente os aspectos relacionados à leitura, o que ajudou a traduzir a realidade e o desempenho dessas pessoas com relação a esse hábito que deve ser incentivado e cultivado desde cedo.

3.4 Objetivos da pesquisa

Os objetivos desta pesquisa representam, além das intenções propostas, possibilidades de obtenção de resultados positivos a partir do trabalho realizado. A pretensão maior é incentivar o hábito da leitura e contribuir ao máximo para a formação de futuros educadores e de todos aqueles que queiram utilizar este trabalho como fonte de pesquisa. Partindo dessa temática, a ideia é também fazer com que aqueles que estão comprometidos com a tarefa de educar sintam-se suficientemente independentes para coordenar um trabalho que tenha como foco principal o uso da leitura como forma de ampliar conhecimentos e ajudar na formação de cidadãos capazes de refletir criticamente acerca do próprio meio em que vive.

3.5 Objetivos gerais

Como foi mostrado no início deste trabalho, a educação não é atribuição somente da escola, mas sim do governo, da família e da sociedade como um todo, assim como o hábito da leitura. Todos exercem influência na educação, seja ela formal ou informal, portanto todos têm responsabilidades. Seguindo este princípio e através de um trabalho de conscientização acerca da importância do hábito da leitura, os objetivos gerais são: (1) contribuir com as principais instituições sociais conhecidas (família e a escola) a fim de melhorar o máximo possível o desempenho

escolar e a aprendizagem do aluno por meio da leitura; (2) auxiliar na atuação profissional por meio da precisão do significado de termos como compreensão, interpretação, educação bancária e pedagogia do oprimido; (3) auxiliar no processo de formação de educadores e/ou futuros educadores competentes o suficiente para usar a leitura como meio de conscientização da própria realidade. Para que estes objetivos sejam concretizados com sucesso, é necessário um conjunto de ações recíprocas entre escola, família, sociedade e governo, sendo que o governo é o principal mantenedor de recursos financeiros utilizados na manutenção da estrutura física das bibliotecas públicas das escolas e também de bibliotecas isoladas. Vale ressaltar ainda que a família é quem deve dar continuidade ao trabalho do professor em casa, portanto, o incentivo é fundamental.

3.6 Objetivos específicos

Os objetivos específicos deste trabalho são: (1) a utilização da leitura como ferramenta auxiliar e indispensável na formação de um leitor pleno; (2) a utilização da leitura no combate à alienação social, à educação bancária e ao sujeito oprimido. E que este seja um trabalho desenvolvido desde os primeiros anos de escolarização. A fusão dos objetivos gerais originou os objetivos específicos, que passaram por uma espécie de “filtro” cuja finalidade foi obter uma ideia central, que é promover e estimular o hábito da leitura. A definição dos objetivos específicos é a meta principal que se deseja alcançar, ou seja, mostrar a importância da leitura no processo de formação de leitores e escritores plenos, avessos a uma educação que não promove a reflexão e ainda, que sejam sujeitos de suas próprias histórias.

CAPÍTULO 4

RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo está estruturado de acordo com o capítulo anterior, ou seja, primeiramente serão expostas as características dos dados quantitativos e, posteriormente, qualitativos. Nesse contexto, o problema de pesquisa traçado, como já citado anteriormente, foi respectivamente, quantificar as respostas semelhantes e diferentes, para em seguida, medir a qualidade (que é o nível do hábito de leitura). Na medição da qualidade, foi também considerada a condição de cada grupo, alunos regularmente matriculados no curso de Pedagogia da UnB e os professores entrevistados que integram o corpo docente da Faculdade de Educação. Este capítulo é também, o resultado da análise do banco de dados obtidos. O primeiro conjunto de informações a serem analisadas são as perguntas que integraram o questionário e o tema nelas abordado. A segunda parte foi feita de acordo com as respostas dos alunos e dos professores e trata-se da comparação de respostas iguais ou diferentes mostradas através de figuras seguidas de explicações. A terceira e última parte também refere-se ao grupo de alunos e professores participantes e é o resultado das comparações e a definição do nível, de acordo com a escala de análise utilizada.

4.1 O questionário

As informações referentes às perguntas feitas são resultado da vivência no estágio obrigatório (Projeto 4) e foram surgindo conforme as necessidades identificadas nos alunos, como o baixo interesse pela leitura, a dificuldade em ler continuamente (com o mínimo de interrupções) e o despreparo docente diante das dúvidas, que ainda é muito grande. Como já se sabe, as perguntas são fechadas, mas seguindo o princípio de que nem estruturas teóricas e hipóteses, nem procedimentos metodológicos devem impedir a visão de aspectos essenciais do objeto de pesquisa. O questionário foi feito com base nas perguntas que se encontram anexadas no apêndice. A figura a seguir demonstra claramente os temas relacionados à leitura de acordo com cada pergunta:

FIGURA 7: Tema das perguntas.

NÚMERO DA PERGUNTA	TEMA
1	Importância da leitura
2	Compreensão textual
3	Compreensão/ interpretação
4	Preferência pelo tipo de leitura 1 (impressa ou digital)
5	Leitura X avanço tecnológico
6	Leitura e tecnologia
7	Incentivo à leitura
8	Classificação do hábito de leitura
9	Preferência pelo tipo de leitura 2 (jornais, revistas etc)
10	Obstáculos que impedem uma leitura mais frequente

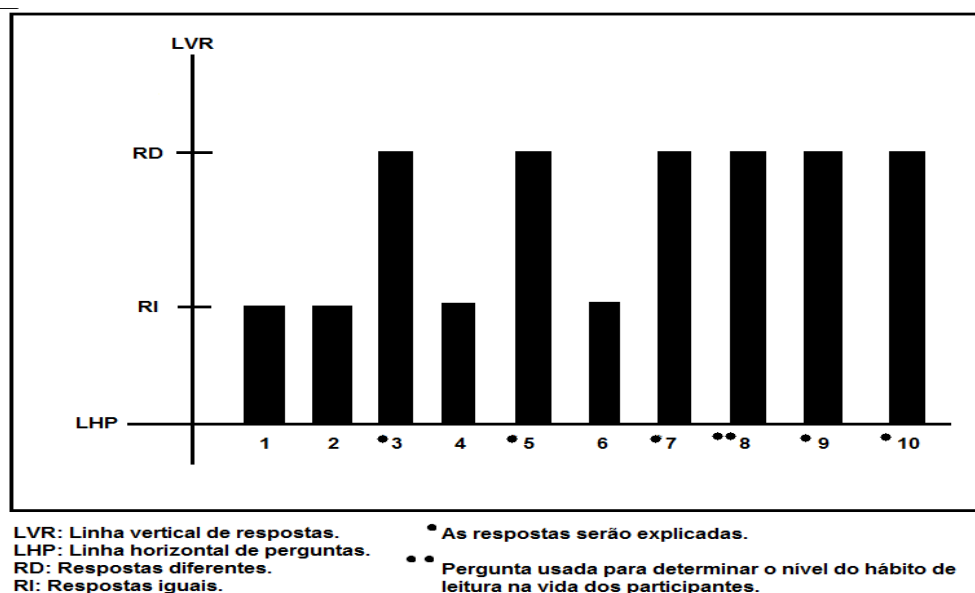
Fonte: elaboração própria

Os temas escolhidos para integrar as questões têm a ver com o cotidiano dos entrevistados, o que configura uma escolha estratégica, cujo objetivo é verificar o nível de leitura no dia a dia dessas pessoas. .

4.2 Comparação das respostas dos alunos de graduação

O objetivo aqui proposto é, agora, quantificar as respostas iguais e diferentes, que serão mostradas através da figura. Para um melhor entendimento, há uma legenda explicando os resultados, assim como as letras e símbolos da figura:

FIGURA 8: Comparação de respostas iguais e diferentes dos alunos.



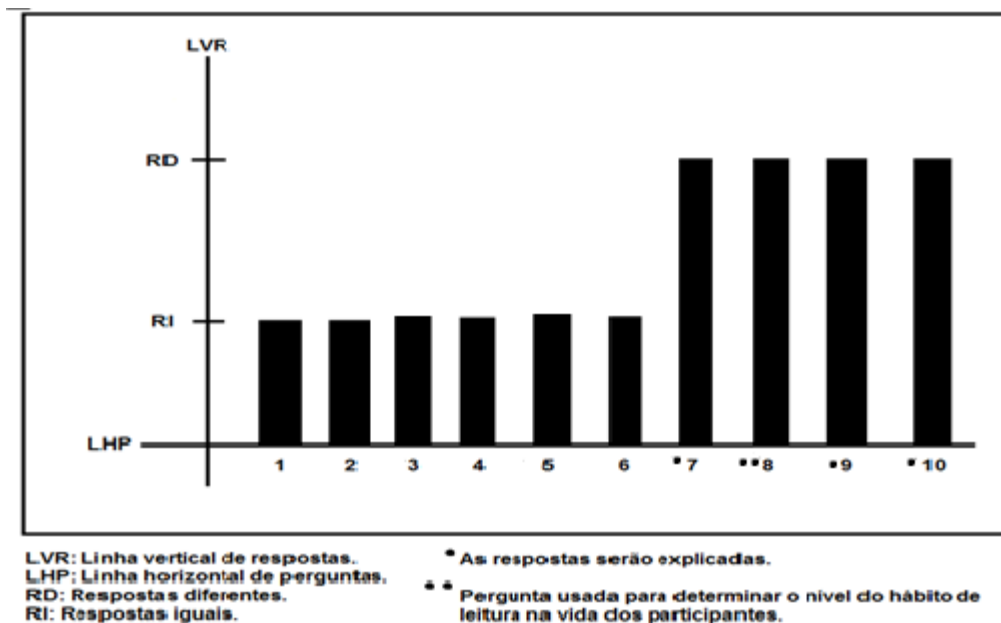
Fonte: elaboração própria.

De acordo com as perguntas 1, 2, 4 e 6, todos os participantes escolheram a mesma opção, conforme o que era solicitado nas perguntas, ou seja, em cada pergunta especificamente, as respostas foram as mesmas.

4.3 Comparação das respostas dos professores da Faculdade de Educação

Como sabemos, as perguntas feitas para os professores foram as mesmas feitas para os alunos. Comparando as respostas dos professores com as dos alunos, percebemos que, como nos mostra a figura abaixo, há um maior número de respostas iguais e também de respostas diferentes. O número de respostas iguais dos alunos foram 4 e diferentes, foram 6. Já os professores responderam a mesma coisa para 6 perguntas e as respostas diferentes foram 4. Foi um resultado curioso e interessante ao mesmo tempo.

FIGURA 9 – Comparação de respostas iguais e diferentes dos professores.



Fonte: elaboração própria.

4.4 Resultado das comparações e definição do nível de leitura dos alunos de graduação.

Para entender melhor a análise e o resultado das respostas, foi utilizado esse modelo de figura de elaboração própria mostrado no item 2. Agora, serão explicadas as perguntas uma a uma conforme o que nos mostra simbolicamente o desenho:

Pergunta 1: Dos 5 participantes, todas as respostas foram iguais. Todos reconhecem que a leitura é importante tanto para um bom desempenho escolar, como para a vida em sociedade.

Pergunta 2: Todos tiveram respostas iguais e entendem que compreensão textual é entender o significado superficial, implícito e, além disso, ter capacidade suficiente para fazer as próprias interpretações.

Pergunta 3: As respostas foram diferentes. Duas pessoas acham que compreensão e interpretação são a mesma coisa e as outras 3 responderam que não.

Pergunta 4: As respostas foram todas iguais. Os cinco participantes preferem a leitura impressa ao invés da leitura digital.

Pergunta 5: Respostas diferentes. Apenas uma pessoa acredita que, com o avanço tecnológico, o hábito da leitura tende a diminuir e ser extinto. O restante respondeu que não.

Pergunta 6: Todas as respostas foram iguais. A utilização de tablets nas escolas deve ser vista apenas como material de apoio complementar.

Pergunta 7: Respostas diferentes. Apenas uma pessoa considera que a família é a principal responsável pelo incentivo à leitura. As outras 4 pessoas atribuem essa responsabilidade à escola também.

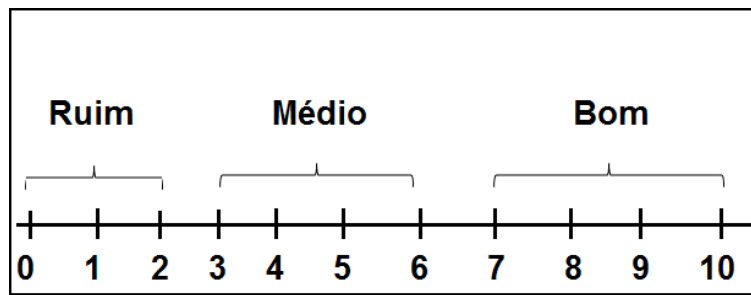
Pergunta 8: Respostas diferentes. De acordo com as notas que cada um se atribuiu, as respostas foram as seguintes: uma pessoa se atribuiu nota 5, três nota 7, e a última nota 9. Esta foi a pergunta escolhida para determinar o nível de leitura na vida das pessoas entrevistadas, que logo mais será mostrado por meio de uma escala qualitativa.

Pergunta 9: Respostas diferentes. 3 pessoas preferem ler livros e as outras 2 leem de tudo um pouco.

Pergunta 10: Respostas diferentes. Com relação à barreira que impede um hábito de leitura mais frequente, 2 pessoas responderam que é por falta de tempo, 1 não possui nenhuma dificuldade, 1 respondeu ser falta de tempo e de paciência e a última respondeu não ter paciência.

A seguinte figura representa a escala de análise cujo objetivo é mostrar o resultado final com relação à pergunta 7 do questionário e determinar a qualidade do nível de leitura na vida dos alunos de graduação. Isso foi feito de acordo com a nota que cada um se atribuiu:

FIGURA 10: Escala de análise do nível de leitura (alunos)



Fonte: elaboração própria

Conforme a escala mostrada na figura acima, em termos gerais (o que significa dizer que foi considerado apenas o maior número de respostas iguais e as notas a elas atribuídas, que foram 3 respostas com nota 7) podemos dizer que o resultado final é: o nível de leitura dos alunos de graduação entrevistados é bom.

4.5 Resultado das comparações e definição do nível de leitura dos professores da Faculdade de Educação.

Os critérios de análise dos resultados das respostas dos professores são os mesmos utilizados na análise feita com as respostas dos alunos e também serão mostradas a seguir, passo a passo, as respostas de cada pergunta:

Pergunta 1: Todas as respostas iguais. Os quatro professores entrevistados concordam que a leitura é importante para a escola e para a vida em sociedade.

Pergunta 2: Respostas iguais. Todos entendem que compreender um texto é entender o significado superficial e implícito do texto, além de saber fazer as próprias interpretações.

Pergunta 3: Respostas iguais. Todos acham que compreensão e interpretação não significam a mesma coisa.

Pergunta 4: Respostas iguais. Todos os professores entrevistados preferem a leitura tradicional (impressa) e não a digital.

Pergunta 5: Respostas iguais. Nenhum professor concorda que o hábito da leitura será extinto devido ao avanço tecnológico.

Pergunta 6: Respostas iguais. Todos os professores concordam que a utilização de tablets nas escolas deve ser vista como material de apoio complementar e não devem substituir os livros.

Pergunta 7: Respostas diferentes. Apenas 1 professor acha que é a família a principal responsável pelo incentivo à leitura e os outros 3 professores acreditam ser uma tarefa da escola e da família em conjunto.

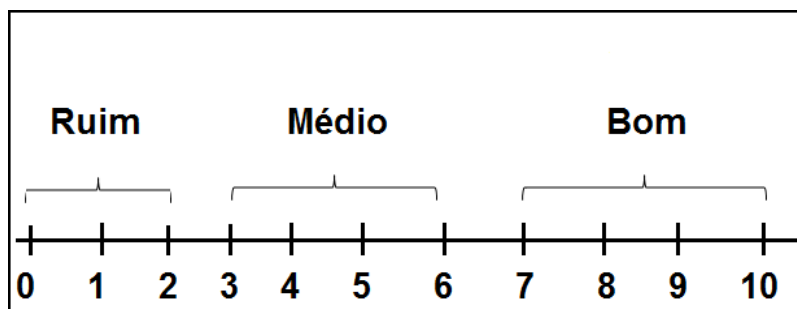
Pergunta 8: Respostas diferentes. É também a pergunta escolhida para determinar o nível de leitura no cotidiano dos professores. 1 professor se atribuiu nota 8, 2 atribuíram nota 9 e o último atribuiu nota 10.

Pergunta 9: Respostas diferentes. 2 professores têm preferência por livros e 2 gostam de ler de tudo um pouco.

Pergunta 10: Respostas diferentes. 3 professores não leem mais por falta de tempo e 1 não tem barreiras que o impedem de ler com frequência.

A figura abaixo é a mesma utilizada no resultado das respostas dos alunos e o critério também é o mesmo (maior número de respostas iguais para a pergunta 8):

FIGURA 11: Escala de análise do nível de leitura (professores)



De acordo com a escala acima, o resultado do nível de leitura entre os docentes da Faculdade de Educação é bom.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo o que foi exposto e explicado neste trabalho, valer ressaltar ainda que, a maior contribuição deve estar voltada para o aluno e todos os esforços em esclarecer os conceitos da maneira mais objetiva possível foram feitos pensando nele. A escolha em realizar a pesquisa com alunos de graduação do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (futuros educadores) e com os professores foi estratégica porque se trata de pesquisar como se dá a formação do futuro professor. Neste caso especificamente, o objetivo do estudo esteve focado no hábito da leitura tanto dos alunos, como dos professores universitários que ajudam a formar esses profissionais. Em virtude de algumas dificuldades detectadas durante o estágio obrigatório (Projeto 4) em muito alunos da rede pública de ensino do Distrito Federal, o interesse em desenvolver um trabalho de conclusão de curso voltado para a importância da leitura, cresceu ainda mais. A ideia principal é a de contribuição para aqueles que um dia também se interessem em pesquisar sobre o mesmo tema.

Através da compreensão obtida com a análise e os resultados das respostas, o que se verificou é que apesar do nível de leitura dos futuros educadores ter sido considerado bom, ainda há muito o que melhorar. Alguns admitiram que a falta de paciência os impedem de ler mais e isso não deve estar presente na vida de alguém que irá lidar diretamente com o processo de ensino e aprendizagem. Mesmo os pedagogos que não quiserem atuar em sala de aula, precisam ter domínio da língua, pois servirão de exemplo para muitos estudantes. Existe ainda, uma carência de interesse e as causas deste problema devem ser combatidas desde a formação. Os professores universitários possuem um excelente nível de conhecimento, o que certamente foi adquirido através de muita leitura. Esse prazer em ler deve ser transmitido aos que ingressam no curso, devendo permanecer como um hábito de vida e não apenas porque a Universidade exige. Quando se ensina a alguém, principalmente quando este ensinamento puder ser aplicado para as coisas boas da vida, deve-se ensinar não somente por ensinar (transmissão de conhecimento puramente mecânica), mas que seja algo libertador e emancipador, pois a leitura é a melhor forma de sair da “gaiola” da opressão.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Como eu já mencionei anteriormente, sempre tive um imenso apreço pela área da saúde. Quando eu era adolescente, ficava em dúvida entre Odontologia e Medicina. Mas a minha paixão pela Medicina sempre foi maior. A ideia de ver a felicidade estampada no rosto de alguém através de um trabalho de cura realizado por um médico é simplesmente gratificante. Isso porque eu ainda não sou médica. Sempre que vou a hospitais, fico observando os médicos dedicando-se a uma das mais nobres tarefas humanas: zelar pela vida do próximo. Eu sou uma pessoa de muita fé, mas tenho meus questionamentos, como qualquer pessoa (mas nunca questioneei a existência de Deus, pois sei que ele existe). Por muito tempo eu ficava indecisa quanto a cursar ou não Medicina, pois eu me achava velha, ultrapassada para entrar num curso onde a maioria dos alunos ingressam com 16/17 anos. Atualmente estou com 26 anos de idade e percebi que para realizar um sonho, não existe idade para começar a correr atrás. A única diferença é que pagamos um preço por demorar demais, no meu caso, vou me tornar oficialmente médica após os 30 anos, sendo que muitos nessa idade já são médicos renomados. Por muito tempo também me questioneei e questionei a Deus sobre o por que de ele ter deixado eu ficar 4 anos fazendo um curso que nunca foi o que eu quis. Mas, como tudo na vida tem um motivo, eu achei o meu. Percebi que, em primeiro lugar, Deus não foi culpado por eu ter feito um curso que eu não queria (Pedagogia), pois ele me concedeu o livre arbítrio e essa escolha foi minha. Ele nunca me impediu de ir atrás do meu sonho. Em segundo lugar, hoje eu tenho sabedoria e maturidade suficiente para entender que, apesar de ele ter me dado essa liberdade de escolha, ele teve também um motivo para isso: eu jamais me tornaria uma médica humana (que zela pelo próximo como um paciente que tem nome e história e não é apenas um número e um prontuário que precisa ser decorado para ser tratado) sem ter vivenciado os momentos pelos quais passei na Faculdade de Educação. Acredito que falta um lado mais voltado para o humanismo na área da saúde. Os pacientes não são objetos de estudo e sim pessoas que, antes de tudo, merecem respeito e o melhor atendimento. Há um filme que retrata exatamente isso e este filme chama-se "Patch Adams". Patch Adams foi um médico norte americano que tinha como foco a Medicina por e com amor. Antes de iniciar um tratamento ou realizar um simples atendimento, ele sempre perguntava o nome da pessoa, ao contrário de seus

colegas, que enxergavam o paciente como um leito, um número ou um mero prontuário. Assim, ele “adentrava” na história e universo da pessoa, conhecendo-a, antes de tudo, como um ser humano.

Portanto, não foi em vão a minha passagem pelo curso de Pedagogia. Com toda certeza, tudo o que eu vivi e aprendi fará parte da minha atuação como médica. Eu nunca tinha ouvido falar em práticas sociais libertadoras e emancipadoras da maneira como ouvi falar na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. A concepção freireana de alfabetização de jovens e adultos (pesquisar e trabalhar com o universo vocabular do sujeito) foi uma das coisas que eu aprendi e que mais gostei. Outro fato que me fez ainda mais ver o próximo como um ser humano que necessita de ajuda, foi a visita que fiz ao Aterro Controlado da Estrutural. Ver pessoas vivendo do lixo me fez querer mudar a realidade delas, mesmo que isso não venha acontecer diretamente.

Por fim, a minha maior perspectiva profissional é realizar o meu sonho de ser médica, sem deixar de lado o que a Pedagogia me ensinou. Eu até me sinto uma pessoa privilegiada, pois a minha passagem pela UnB, em especial, pela FE, fará toda a diferença quando eu fizer parte de um grupo de estudantes de Medicina, pois, ao contrário de jovens que na maioria das vezes são imaturos para assumir tamanha responsabilidade, eu já terei familiaridade com o âmbito acadêmico. Digamos que eu já me sinto preparada. Mas a minha maior felicidade é fazer parte dos dois maiores grupos que constituem os direitos sociais mais importantes: saúde e educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MACHADO, Veruska Ribeiro. **Compreensão leitora no PISA e práticas escolares de leitura**, Brasília: Faculdade de Educação/Universidade de Brasília, Líber Livro, 2012.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**, 11ª edição, São Paulo, Cortez, 2011.

DE PIETRI, Émerson. **Práticas de leitura e elementos para atuação docente**, Rio de Janeiro, Lucerna, 2007.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, 49ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

LEMLE, Miriam. **Guia teórico do alfabetizador**, 17ª edição, São Paulo, Ática, 2009.

GIL, Carlos Antônio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**, 6ª edição, São Paulo, Atlas, 2012.

DUARTE, Vânia Maria do Nascimento. **Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. Disponível em <<http://monografias.brasilecola.com/regras-abnt/pesquisa-quantitativa-qualitativa.htm>>

MACHADO, Geraldo Magela. **Anomia e Alienação Social**. Disponível em <<http://www.infoescola.com/sociologia/anomia-e-alienacao-social/>>

WIKIPÉDIA, Disponível em < http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C%ADrculo_vicioso >

GUNTHER, Hartmut. **Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão?** Disponível em <<http://www.scielo.org>>

MORESI, Eduardo. **Metodologia da Pesquisa**. Disponível em <http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/metodologia_da_pesquisa..pdf>

APÊNDICE

Modelo do questionário aplicado aos 9 participantes.

Olá. Eu me chamo Shirley Aline, sou estudante de Pedagogia da Universidade de Brasília e estou prestes a me formar. Este questionário faz parte da minha pesquisa de monografia e eu ficarei muito grata se você puder respondê-lo e contribuir para o meu trabalho. Obrigada !

NOME (Se não quiser colocar o nome completo, ponha somente as iniciais): _____

PROFISSÃO: _____

QUESTIONÁRIO

1. NA SUA OPINIÃO, QUAL A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA VIDA DE UM ALUNO?

- somente para a escola.
- somente para viver em sociedade.
- é importante para a escola e para a sociedade (manter-se atualizado, enriquecer o vocabulário...)

2. O QUE VOCÊ ENTENDE POR “COMPREENSÃO” TEXTUAL?

- entender o significado superficial do texto.
- entender o significado implícito do texto.
- entender o significado superficial e implícito do texto.
- entender o significado superficial, implícito e, além disso, ter capacidade suficiente para fazer as próprias interpretações.

3. VOCÊ ACHA QUE COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO SÃO A MESMA COISA?

- sim não não sei

4. COM QUAL TIPO DE LEITURA VOCÊ MAIS SE IDENTIFICA?

digital (leitura feita em computador, *tablets* e outras ferramentas tecnológicas).

tradicional (material impresso como livros, jornais, revistas etc)

5. TENDO EM VISTA O CRESCIMENTO ACELERADO DA TECNOLOGIA, VOCÊ ACREDITA QUE O HÁBITO DA LEITURA PODERÁ SER EXTINTO?

sim não

Por quê? (*opcional)

6. NA SUA OPINIÃO (escolha uma das opções):

A utilização de *tablets* nas escolas (o que implica e força a leitura digital) deve ser vista apenas como material de apoio complementar?

Devido ao desenvolvimento sustentável (utilização de menos papel) e ao armazenamento de material (*tablets* e computadores permitem armazenar maior quantidade de informações e materiais sem ocupar muito espaço físico), os livros de papel devem ser totalmente substituídos pelos *tablets*?

7. NA SUA OPINIÃO, QUEM É O PRINCIPAL RESPONSÁVEL PELO INCENTIVO À LEITURA?

escola família escola e família

8. DE 0 A 10, QUE NOTA VOCÊ ATRIBUI AO SEU HÁBITO DE LEITURA? _____

9. O QUE VOCÊ MAIS GOSTA DE LER?

jornais revistas livros (literatura em geral) de tudo um pouco.

10. QUAIS SÃO AS SUAS MAIORES BARREIRAS (IMPEDIMENTOS) PARA A SUA FREQUÊNCIA NA LEITURA, SEJA ELA DIGITAL OU IMPRESSA?

falta de tempo condições financeiras (alto custo dos livros) dificuldade de acesso/uso de bibliotecas falta de paciência não tenho dificuldades para ler.

OBRIGADA PELA AJUDA E COMPREENSÃO !
(QUE DEUS ABENÇOE A TODOS).

